



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA

JÉSSICA MÁRCIA RODRIGUES GENEROSO

**QUEBRA CABAÇAS, ESPALHA SEMENTES: CULTIVANDO SABERES
AFRORREFERENCIADOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM DANÇA**

SALVADOR

2025

JÉSSICA MÁRCIA RODRIGUES GENEROSO

**QUEBRA CABAÇAS, ESPALHA SEMENTES: CULTIVANDO
SABERES AFRRREFERENCIADOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM
DANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Dança apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia como requisito final para obtenção do grau de Mestra em Dança.

Orientadora: Clécia Maria Aquino de Queiroz

SALVADOR

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (BURMC)

- G326 Generoso, Jéssica Márcia Rodrigues.
 Quebra cabaças, espalha sementes: [recurso eletrônico] cultivando saberes afroreferenciados e práticas educativas em dança /Jéssica Márcia Rodrigues Generoso. – dados eletrônicos. 2025.
 125 f. : il. Color.
- Orientação: Profa. Dra. Clécia Maria Aquino de Queiroz
 Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Dança (PRODAN).Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança, Salvador, 2025.
 Disponível em formato digital, modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br>
1. Dança na educação. 2. Danças afro brasileiras. 3. Formação docente. I. Queiroz, Clécia Maria Aquino De. II. Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança. III. Título.

CDU: 37:793.3



Ministério da Educação
Universidade Federal da Bahia
Programa de Pós-graduação
Profissional em Dança
Mestrado Profissional



**ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA UFBA –
PRODAN**

Aos vinte e três dias do mês de julho de dois mil e vinte e cinco, às 10h, na Sala 10 da Escola de Dança da UFBA, foi realizada a **Defesa do Trabalho de Conclusão do Curso do Mestrado Profissional de Dança da UFBA de JÉSSICA MÁRCIA RODRIGUES GENEROSO** intitulado “**QUEBRA CABAÇAS, ESPALHA SEMENTES: CULTIVANDO SABERES AFROCENTRADOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS**”, com a presença da Banca de Avaliação composta por: Professora Doutora Clécia Maria Aquino de Queiroz, orientadora, docente do PRODAN/UFBA e presidente da banca; Professor Doutor Fernando Marques Camargo Ferraz, participante interno, docente do PRODAN/UFBA; e a Professora Doutora Aline Serzedello Vilaca, participante externa, docente do Curso de Licenciatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Dando sequência à abertura, a mestranda fez a exposição do seu trabalho e, em prosseguimento, cada membro da Banca procedeu à arguição em relação ao trabalho apresentado. Após a finalização dessa etapa, a banca reunida emitiu o parecer conjunto final indicando pela aprovação do trabalho, concluindo assim que **JÉSSICA MÁRCIA RODRIGUES GENEROSO** está apta a receber o título de Mestre em Dança pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança-UFBA. Ao final, lavrou-se a presente ata que será assinada pelos membros da Banca e a mestranda. Em 23 de julho de 2025.

Clécia Queiroz
Fernando M C Ferraz
Jéssica M R Generoso



Documento assinado digitalmente

ALINE SERZEDELLO NEVES VILACA

Data: 23/07/2025 20:31:09-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

ALINE SERZEDELLO NEVES VILACA

Data: 23/07/2025 20:31:09-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Aline Serzerdello Vilaça (Membro externo) Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (USP) Professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS).

Fernando Marques Camargo Ferraz (Membro Interno) Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (UNESP) Professor da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia.

Clécia Maria Aquino de Queiroz (Orientadora) Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Difusão de Conhecimento (UFBA) Professora da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Aprovado em:

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, minha grande mestra, minha escola maior. Foi com ela que aprendi os valores mais profundos da vida: o cuidar, o partilhar, o olhar com ternura para o outro. Sua força e doçura sustentam meus passos e me ensinaram que o amor também é uma forma de luta.

Às minhas irmãs, Camila e Dani, que são porto seguro e inspiração. Mulheres que me acompanham em cada sonho, me apoiam em todas as áreas da vida e me mostram, dia após dia, que o afeto familiar é um dos maiores bens que posso carregar. Sem elas, eu não teria chegado até aqui.

Aos meus irmãos, Diego e André, agradeço pelo cuidado fraterno, pelo carinho discreto, mas sempre presente, e pelo respeito que nos une. Eles estão sempre prontos a estender a mão, em qualquer momento e circunstância.

Aos meus sobrinhos, minha gratidão por existirem e por representarem a continuidade do que somos. Em cada um deles vejo o reflexo da nossa união, da nossa história e da nossa força enquanto família.

Aos mestres que me guiaram na dança e na vida: Ernane Ferreira, meu primeiro e mais importante preceptor na dança, que plantou em mim os fundamentos que carrego até hoje; Paloma Rodrigues, que me enxergou educadora antes mesmo que eu pudesse me reconhecer assim. Sua visão e confiança me despertaram; Carlos Afro, que abriu as portas da dança afro-brasileira e me apresentou um caminho de conexão com minhas raízes; Evandro Passos, com quem sigo trilhando essa jornada dançante, cultivando e fortalecendo o legado afro a cada passo.

Aos amigos e amigas que caminharam comigo: Suellen Sampaio, presença constante, abraço sincero e sensibilidade viva. Sua forma de estar para o outro me ensinou muito; Naíla Costa, que, mesmo à distância, nunca deixou de cuidar e de se fazer presente com gestos e palavras; Ana Paula de Sales, que fez parte de todo esse meu processo de dança e de vida; Wallace Guedes, sempre acolhedor, com um jeito todo seu de cuidar; Verônica Navarro, que me acolheu em Salvador e foi abrigo nos dias difíceis, além de guia generosa em todas as minhas necessidades nesta nova cidade; Thiago Cohen, com sua escuta atenta e abraço sensível, que me deu suporte sempre que precisei; Tâmelá França, com quem compartilhei a dureza e a beleza do processo acadêmico longe da família, criando uma irmandade que levo comigo; Paula Marinho, que me recebeu com um acolhimento verdadeiro, fazendo com que Salvador também se tornasse casa; Aline Maciel, que nunca mediu esforços para estar de braços, coração e casa abertos. Sua generosidade me fortaleceu profundamente; Mary Gottshalk, pela acolhida

carinhosa e pelas trocas que ultrapassaram o âmbito acadêmico, tocando também o pessoal e contribuindo para o meu crescimento; Nagana, pela parceria nessa jornada e pelas trocas mútuas, você foi um grande irmão, gratidão.

À minha orientadora, Clécia Maria Aquino de Queiroz, que esteve ao meu lado com sensibilidade e firmeza. Sua escuta, seu cuidado com minha caminhada e sua disposição em me ajudar a encontrar o melhor de mim fizeram toda a diferença. Obrigada por não me deixar sozinha em nenhum momento.

Ao professor Fernando Ferraz, por seus ensinamentos que tanto me enriqueceram, e por aceitar o convite para compor minha banca, partilhando mais uma vez sua sabedoria com generosidade.

À professora Aline Serzedello, por acreditar na minha proposta desde o início e integrar a banca com seus saberes tão necessários. A contribuição de vocês é essencial para a continuidade desta pesquisa, que sei, ainda está só começando.

A cada pessoa aqui citada, deixo minha profunda gratidão. Este trabalho é tecido de afetos, trocas, ancestralidades e encontros. É coletivo. E sem cada um de vocês, ele não existiria.

RESUMO

Esta pesquisa, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, propõe a construção de um material didático transdisciplinar com base nas danças afro-brasileiras, voltado para docentes do Ensino Básico, especialmente da Educação Infantil. O estudo parte da criação da metodologia Dança Aformativa, que articula saberes ancestrais, corporeidade, oralidade e ludicidade como eixos pedagógicos e políticos. Sustentada por uma abordagem afroreferenciada e pela metodologia da pesquisa-ação, a investigação se constrói a partir de vivências formativas, escuta sensível e trocas com educadores, artistas e mestres populares, visando capacitar professores no cumprimento efetivo da Lei 10.639/03 – cuja implementação, passadas mais de duas décadas, permanece limitada a ações pontuais em datas comemorativas. A proposta compreende a dança afro-brasileira não apenas como linguagem artística, mas como tecnologia ancestral, dispositivo educativo e ponte de reconexão identitária para crianças, jovens e adultos. Inspirada nas epistemologias de Leda Maria Martins (2021), que concebe o corpo como projetor de memórias, nos fundamentos da Pretagogia, de Sandra Petit (2015), nos valores Afro-civilizatórios de Azoilda Loretto (2010) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a pesquisa reafirma o corpo negro como território de resistência e produção de conhecimento. Quebra Cabaças, Espalha Sementes é um gesto pedagógico que rompe silêncios, fertiliza o chão da escola e semeia mundos onde o pertencimento negro floresce com pertencimento, afeto e potência.

Palavras-chave: Dança afro-brasileira; educação infantil; ancestralidade; formação docente; antirracismo; Lei 10.639/03; memória.

ABSTRACT

This research, developed within the scope of the Professional Master's Program in Dance at the Federal University of Bahia (UFBA), proposes the creation of a transdisciplinary didactic material based on Afro-Brazilian dances, aimed at Basic Education teachers, especially those working in Early Childhood Education. The study emerges from the development of the *Dança Afromativa* methodology, which interweaves ancestral knowledge, corporeality, orality, and playfulness as pedagogical and political pillars. Grounded in an Afro-referenced approach and guided by action research methodology, this investigation is built through formative experiences, sensitive listening, and exchanges with educators, artists, and traditional masters. It seeks to support teachers in the effective implementation of Law 10.639/03 — whose enforcement, more than two decades after its enactment, remains largely limited to isolated commemorative activities. This proposal understands Afro-Brazilian dance not only as an artistic language, but also as ancestral technology, an educational tool, and a bridge for identity reconnection for children, youth, and adults. Inspired by the epistemologies of Leda Maria Martins (2021), who conceives the body as a projector of memories; the principles of *Pretagogia* by Sandra Petit (2015); the Afro-civilizational values outlined by Azoilda Loretto (2010); and the National Common Curricular Base (BNCC), this research reaffirms the Black body as a territory of resistance and knowledge production. *Quebra Cabaças, Espalha Sementes* ("Breaks Gourds, Spreads Seeds") is a pedagogical gesture that breaks silences, fertilizes the soil of schools, and sows worlds where Black belonging blossoms with identity, affection, and strength.

Keywords: Afro-Brazilian dance; early childhood education; ancestry; teacher training; antiracist pedagogy; Law 10.639/03; memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espetáculo Quebra Cabaças, Espalha Sementes - CEU das Artes Nova Contagem, 2025	12
Figura 2 - Espetáculo Quebra Cabaças, Espalha Sementes - CEU das Artes, Nova Contagem, 2025	19
Figura 3 - Flyer de Divulgação - Oficina Dança Afrormativa, 2024	28
Figura 4 - Flyer de Divulgação.....	33
Figura 5 - Workshop Danças Afro-brasileiras, 2023.....	33
Figura 6 - Curso de Férias para Educadores Populares em Caratinga/MG, 2023	35
Figura 7 - Curso de Férias para Educadores Populares em Caratinga/MG, 2023	35
Figura 8 - Oficina Dança Afrormativa na Escola CEMEI Ipê Amarelo, 2024	38
Figura 9 - Vista do Alto do Bairro Nova Contagem, Contagem/MG.....	43
Figura 10 - Capa do Ebook Dança Afrormativa/ Capa do Livro As descobertas de Malu	46
Figura 11 - Apresentações Pessoais, Axé Music – 2007, Dança do Ventre – 2010 e Dança Afro – 2012.....	47

SUMÁRIO

1 EU MULHER CABAÇA.....	12
2 AS RAÍZES DA SEMENTE.....	20
3 DANÇA AFRORMATIVA.....	28
4 PLANTANDO SABERES.....	31
4.1 ETAPA 1 – WORKSHOP DE DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS: NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO ARTÍSTICA E CIDADÃ.....	34
4.2 ETAPA 2 – CURSO DE FÉRIAS PARA EDUCADORES POPULARES: “LETRAMENTO RACIAL: CARTOGRAFIAS CORPORAIS AFRODIASPÓRICAS”	35
4.2.1 DIA 1: CAMINHO:.....	36
4.2.2 DIA 2: MEMÓRIA.....	36
4.2.3 DIA 3: COSTURA	37
4.2.4 Etapa 3 – Dança Afrormativa: Oficina de Danças Afro-brasileiras para Educadores da Rede Pública	38
4.3 DESDOBRAMENTOS E POTÊNCIAS DA OFICINA.....	41
4.4 DESAFIOS POLÍTICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS	42
5 ESPALHANDO SEMENTES.....	46
6 CORPOS QUE ENSINARAM O MEU: HERANÇAS EM MOVIMENTO	47
7 ENCERRAR É TAMBÉM PLANTAR	49
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A – CADERNO DANÇA AFRORMATIVA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA A APLICABILIDADE DA LEI 11.645/08.....	53
APÊNDICE B – CADERNETA AFROINFORMATIVA	75
APÊNDICE C – LIVRO INFANTIL “AS DESCOBERTAS DE MALU”	89
APÊNDICA D - PRODUÇÕES NA DISCIPLINA: PERFORMANCE NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE SUAS POÉTICAS E TENSIONAMENTOS TEÓRICOS	115
ANEXO I - CERTIFICADOS DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS E PARTICIPAÇÕES EM AULAS E EVENTOS	119

1 EU MULHER CABAÇA

Figura 1 - Espetáculo Quebra Cabaças, Espalha Sementes - CEU das Artes Nova Contagem, 2025



Fonte: Beth Faustina, 2025.

Ventania de espalhar tudo por onde passa.

Eu semente, Eu Dança

Eu circular, negra memória que me perpassa.
No quadril rebolado ancestral
Mulher, mulheres pois somos muitas
Quebrar a cabaça para espalhar a semente do que fomos e seremos no hoje
A dança me trouxe quem sou assim como trago para ela quem somos
Multiplicidade, comunidade
Multidão
Pés que pisam a terra e deixam rastros
Raízes de um atlântico negro
Eu mulher cabaça
Carrego em mim as histórias do mundo
Eu mulher cabaça, Kara Bassa, abóbora lustrosa, porongo, pitanga, cuia e tantos nomes outros
que eu possa ter
Em cada gesto grafo no tempo novas vivências
Em cada escrita gesto meu caminho
Sou filha das ancestrais que criaram as histórias do mundo negro
Sou negra e hoje danço o que sou.

Thiago Cohen

Este Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Dança (PRODAN) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), apresenta a trajetória e proposta pedagógica de uma mulher negra, dançarina e educadora, que encontrou na dança afro-brasileira um caminho de formação, resistência e criação. O texto que se segue entrelaça vivências pessoais, experiências artísticas e fundamentos pedagógicos em uma proposta de atuação na Educação Infantil comprometida com as Leis 10.639/03 e 11.645/08, valorizando a cultura afro-brasileira como elemento central da formação humana.

Sou Jéssica Márcia Rodrigues Generoso – Jéssica Knowles é meu nome artístico –, uma mulher negra periférica, professora, pedagoga, artista e arte-educadora, nascida em Nova Contagem, no município de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Sou graduada em Pedagogia (Anhanguera, 2015), com especialização em Dança e Consciência Corporal (Estácio de Sá, 2019), e História e Cultura Afro-Brasileira (FACIB, 2025).

Minha formação em Dança começou em projetos sociais, onde participei de oficinas de axé, funk, hip-hop e dança do ventre, sendo esta última o meu primeiro encanto no mundo da dança. Durante um período, ministrei oficinas de dança do ventre no mesmo projeto em que

antes era estudante. Mais adiante, descobri a dança afro-brasileira, onde verdadeiramente me encontrei. Passei a frequentar aulas e integrar grupos de dança e, em pouco tempo, me tornei também professora de dança afro-brasileira.

Em 2016, iniciei como oficina em um projeto de cursos de férias para educadores populares, ministrando oficinas de dança afro-brasileira. Esse projeto continua acontecendo anualmente, durante o período de férias escolares. Em 2023, completei sete anos de atuação nele. Os cursos são desenvolvidos para que os educadores possam compartilhar os aprendizados em seus ambientes de trabalho a partir dessas vivências.

Em 2019, finalizei um curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Dança e Consciência Corporal pela Faculdade Estácio de Sá, em Belo Horizonte. Em meu trabalho de conclusão, trouxe como temática “A Dança Afro-Brasileira no Âmbito Escolar”. Escolhi abordar esse tema porque, em 2017 e 2018, atuei como supervisora na escola Sadi Alves Vieira – Anexo, no município de Esmeraldas, em Minas Gerais. Nesse período, percebi a ausência do ensino da cultura afro-brasileira e da dança nos planos de trabalho dos educadores. Desenvolvi, então, uma pesquisa voltada à valorização da dança afro-brasileira como recurso pedagógico.

Nos últimos quatro anos, lecionei na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Contagem, também em Minas Gerais. Como mulher negra periférica, professora, artista, arte-educadora e sujeita social, tenho buscado possibilitar aos educandos o acesso às manifestações artístico-culturais por meio da prática educativa. No entanto, sigo observando a escassez de propostas formativas que articulem a corporeidade e a musicalidade da criança – aspectos fundamentais no trabalho com a primeira infância, conforme destacam Silva (2021) e Arantes (2021), para quem a dança e a música são fundamentais no ensino pedagógico.

Minha trajetória com as danças afrorreferenciadas se expandiu e, em 2021, elaborei e executei meu primeiro projeto aprovado em edital público: *“Workshop de Danças Afro-Brasileiras: no caminho da formação artística e cidadã”*. Por meio dele, desenvolvi um trabalho artístico e pedagógico com professores de dança, que multiplicaram o aprendizado para um grupo de dançarinos e não dançarinos.

No ano seguinte, com uma nova aprovação em seleção pública, dei continuidade ao projeto com a temática *Workshop de Danças Afro-Brasileiras – Segundo Ato: em busca do caminho artístico e cidadão*. Nessa etapa, como os participantes já haviam feito a formação anterior comigo, tive a oportunidade de levá-los a um espaço formal de ensino, onde compartilharam os aprendizados com o público escolar.

Essas experiências me fizeram refletir sobre as inúmeras possibilidades de conexão da dança afro-brasileira com outros componentes curriculares, permitindo uma abordagem

multidisciplinar no ensino. A partir disso, nasceu em mim o desejo de aprofundar esse tema, o que me levou à decisão de me inscrever no Programa de Mestrado Profissional em Dança (PRODAN), com o propósito de aprimorar esses saberes e multiplicá-los. A partir dos conhecimentos adquiridos no programa, desenvolvi uma concepção metodológica que combina o ensino da dança afrorreferenciada com uma capacitação, voltada para educar e sensibilizar as pessoas sobre o respeito e a compreensão das diversidades social e cultural, fortalecendo a consciência coletiva e a identidade racial.

A presente pesquisa, que tem como objetivo desenvolver uma proposta pedagógica para a aplicabilidade da Lei 10.639/03, se insere numa perspectiva educacional artística e sociopolítica. Sua realização revela-se bastante oportuna frente à conjuntura atual do país com uma sociedade historicamente estruturada na hierarquia racial, onde as consequências do colonialismo ainda persistem no cotidiano, pois como nos afirma Grada Kilomba (2019), “o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta. E outras sangra.”

Segundo dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Contagem, em Minas Gerais, possui um percentual estimado de 59,2% de pessoas que se declaram como pretos. Dentre elas, 947 são de comunidades ou povos tradicionais cadastrados no sistema E-SUS (fonte: SMS/2021), entre as quais, a Comunidade Quilombola Arturos, certificada como remanescente pela Fundação Cultural Palmares.

Já os dados qualitativos do Educacenso municipal, elaborados pela Secretaria de Educação (SEDUC), com base em uma coleta feita em 2018 em 162 escolas de Ensino Fundamental e Educação Infantil, indicam que 7% dos estudantes se declararam pretos, 45% pardos, 30% brancos e 18% não declararam raça/cor.

A partir desses dados, é possível observar uma significativa quantidade de pessoas que ainda não se reconhecem plenamente em suas raízes. Esse resultado pode indicar uma desinformação sobre as nuances da identidade negra ou até mesmo uma provável resistência em se assumirem como pretos. Tal realidade nos convida a refletir sobre a importância de promover discussões e ações educativas que incentivem o autorreconhecimento racial.

Instituído pela Lei nº 12.288/2010, o Estatuto da Igualdade Racial destina-se a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos, individuais e coletivos, e o combate à discriminação e demais formas de intolerância étnica (Estatuto da Igualdade Racial – Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, artigo 10).

No âmbito educacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) destacam o trabalho com a diversidade cultural como parte imprescindível do processo de aprendizagem,

com o objetivo de que os educandos se conscientizem de que o Brasil “é um país complexo, multifacetado e por vezes paradoxal” (Brasil, 1998, p. 121). Os PCNs também propõem:

(...) uma concepção que busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira, compreender suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas e apontar transformações necessárias, oferecendo elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais, não significa aderir aos valores do outro mas respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação (Brasil, 1998, p. 121).

Além disso, a Lei 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino de "história e cultura afro-brasileira" dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Neste contexto, a dança afro-brasileira atua como um agente de implementação e cumprimento do disposto na referida Lei, uma vez que proporciona o devido contato com as raízes da cultura africana no Brasil.

Com a Lei (10.639/2003), a escola aparece como locus privilegiado para agenciar alterações nessa realidade, e é dela a empreitada de acolher, conhecer e valorizar outros vínculos históricos e culturais, refazendo repertórios cristalizados em seus currículos e projetos pedagógicos e nas relações estabelecidas no ambiente escolar, promovendo uma educação de qualidade para todas as pessoas (Souza e Croso 2007, *apud* Garcia, Silva e Alexandre, 2012, p. 284).

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) de 2021, 56,1% da população brasileira se declarou preta ou parda. Ainda assim, segundo o advogado, filósofo e professor Silvio Almeida (2018), há um racismo estrutural marcante em nosso tecido social. Ao longo da história, esse dado nefasto promoveu a subjugação de identidades e a invisibilização de sujeitos. Embora haja, inegavelmente, grandes artistas negros no Brasil, muitas das manifestações culturais do povo preto ainda são tratadas como inferiores e pouco relevantes.

Tudo isso tem causado um impacto pernicioso no desenvolvimento da identidade de adolescentes e jovens negros e pardos mineiros. Todavia, as vozes das ruas, dos guetos, das periferias se ergueram e, ao longo do tempo, trouxeram uma nova perspectiva para a arte do povo preto. Com a dança, não é diferente. Ritmos como Congada, Jongo, Maracatu e Samba de Roda, apesar de não serem midiaticamente destacados, representam princípios musicais da arte dançante brasileira. São ritmos de resistência.

Acredito que o conhecimento e as práticas tradicionais derivadas da herança africana, tendo a dança como propulsora, podem contribuir para a valorização da história e da cultura

afro-brasileira, fortalecendo a identidade dos descendentes de africanos e suas diásporas. Esse processo pode estimular o desenvolvimento de um senso positivo de pertencimento – um "eu" pleno de memória e ancestralidade, capaz de se reconhecer em sua própria completude.

Portanto, me parece notória a necessidade do povo preto da cidade de Contagem se reconectar com as histórias e saberes que representam a forte influência africana em nossa cultura.

Essa reconexão poderia se dar no âmbito escolar, uma vez que a Educação Básica brasileira, orientada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), busca consolidar a universalização do ensino como um direito de todos. No entanto, o modelo educacional historicamente construído reproduz uma visão eurocêntrica, fortalecendo estruturas de poder e uma lógica de *branquitude*, que homogeneíza as diferenças e impõe a igualdade como forma de apagamento das diversidades culturais e sociais.

Nesse contexto, a criação da Lei 10.639/03 representou um marco essencial para incluir no currículo escolar a história e a cultura afro-brasileira e africana. A legislação busca romper com a monoculturalidade predominante, abrindo espaço para outros modos de pensar e fundamentar valores cívicos e sociais. Contudo, a estrutura do ambiente escolar continua resistindo a essas mudanças, o que limita a implementação efetiva desses princípios, que deveriam refletir uma verdadeira universalidade.

É nesse entrelaçar de entendimentos sobre a realidade do negro no Brasil e as minhas vivências, memórias e ancestralidade que sinto a necessidade de me implicar diretamente na escrita, reconhecendo que este trabalho carrega também meu corpo, minha história e minha visão de mundo. É por isso que denomino esta seção introdutória de *Eu, Mulher, Cabaça*, título que expressa o significado que a cabaça tem para mim e para o meu processo artístico-educacional. Ela simboliza a força dos aprendizados, das experiências e dos mestres que marcaram minha trajetória.

A *cosmopercepção* dos povos iorubá é representada por uma cabaça cortada ao meio: a parte superior simboliza o *Orum*, o mundo espiritual das divindades, espíritos e ancestrais, enquanto a parte inferior representa o *Aiyê*, o mundo visível e tangível. Esses dois planos são inseparáveis, pois tudo o que existe no *Aiyê* possui um duplo espiritual e abstrato no *Orum* (Bascom, 1969). Dessa forma, a vida terrena se conecta com o passado e com a ancestralidade.

Por outro lado, de acordo com o *Dicionário dos Símbolos*, “a cabaça é a imagem do corpo inteiro do homem e do mundo em seu conjunto” (Chevallier; Gheerbrant, 2015, p. 151). É em busca desse ser humano integral, pleno de suas raízes e rico em conhecimento ancestral, que realizo minha pesquisa no PRODAN, a qual denomino *Dança Afrormativa*.

É com esse percurso que nasce o trabalho que denomino *Quebra Cabaças, Espalha Sementes: cultivando saberes afrocentrados e práticas educativas* – título que carrega em si a metáfora que orienta minha caminhada e expressa a potência simbólica da cabaça como lugar de memória, cura e conhecimento ancestral. Esse nome provém de uma cantiga popular da capoeira angola. A cabaça, fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, tem formato semelhante ao de uma pera e guarda muitas sementes. Metaforicamente, quebrar a cabaça e espalhar as sementes representam, para mim, atos de transmissão de saberes ancestrais – a importância e a força dos aprendizados que adquiri ao longo da minha trajetória na dança e na arte. Assim como a cabaça gera suas sementes, sigo semeando e compartilhando esses conhecimentos.

Esse título foi utilizado, inicialmente, para nomear meu primeiro espetáculo de dança. A evolução rítmico-coreográfica dessa obra transita por três estilos expressivo-corpóreo-musicais que marcaram minha trajetória de formação, cada um deles ligado a preceptores específicos. O *Axé Music*, com Ernane Ferreira – bailarino e professor de dança que foi meu vizinho da infância até a adolescência –, através de quem pude vivenciar, aprender e conhecer muitos estilos de dança. A *Dança do Ventre*, com Paloma Rodrigues, conheci em uma oficina de um programa social ofertado para a juventude do meu bairro. Paloma despertou em mim a paixão por ensinar: iniciei ainda na adolescência, e, ao atingir a maioridade, ela abriu espaço para que eu trabalhasse como professora nesse mesmo projeto. Por fim, a *Dança Afro-Brasileira*, com Carlos Afro e Evandro Passos, que foram os mentores que me fizeram enxergar minha negritude com um olhar de beleza e admiração.

Figura 2 - Espetáculo Quebra Cabaças, Espalha Sementes - CEU das Artes, Nova Contagem, 2025



Fonte: Acervo Pessoal, 2025

Todo esse percurso possibilitou uma reconexão com minha ancestralidade e identidade preta, permitindo-me enxergar o corpo que dança não apenas como um corpo dançante, mas como um corpo político – um corpo que fala através dos movimentos. Esse foi o espírito-guia do espetáculo: um ato de dança que traz, em seu cerne, empoderamento racial e emancipação identitária.

Hoje sigo plantando novas cabaças, reunindo experiências e epistemologias como sujeita implicada na minha própria pesquisa. E é neste semear que chego a esta escrita, organizada em uma estrutura que inclui esta introdução, seguida da justificativa, problemática e referencial teórico. Na seção seguinte, apresento a Dança Afromativa, termo que utilizo para conceituar minha proposta pedagógica e os caminhos que me levaram até sua elaboração, incluindo a realização de oficinas, cujo desenvolvimento é apresentado na seção “Plantando Saberes”. Por fim, apresento os dois produtos que elaborei: um e-book, onde sistematizo minha metodologia voltada a docentes da Educação Infantil, e o livro infantil *As descobertas de Malu*, no qual compartilho saberes ancestrais e reafirmo a importância da dança afro-brasileira no ambiente educacional.

Boa Leitura!

2 AS RAÍZES DA SEMENTE

Apesar de sua promulgação há 22 anos, a implementação da Lei 10.639/03 ainda não se concretizou de maneira efetiva no âmbito escolar, ficando restrita, na maioria das vezes, a abordagens pontuais em datas comemorativas. Acredito na importância da reconexão do povo negro com sua história e memória ancestral, e vejo as danças afro-brasileiras significativas para esse processo, pois representam uma forte influência africana em nossa cultura.

Em seu livro publicado em 2024, Junia Bertolino destaca a centralidade da ancestralidade no ensino da dança afro-brasileira. Para a autora, é fundamental valorizar essa expressão cultural, pois ela carrega um legado herdado da cultura africana, no qual dança, ritmo e canto sempre exerceram papel importante na socialização do povo brasileiro. Segundo Bertolino, discutir a presença da ancestralidade na dança afro contribui para o fortalecimento dessa manifestação e para sua prática nas escolas, conforme propõe a Lei 11.645. Como afirma a autora:

A dança afro chega à sociedade atual como símbolo de luta, resistência e riqueza da cultura brasileira. Discutir a presença da ancestralidade na dança afro contribui para o fortalecimento desta manifestação cultural e também para sua prática nas escolas a partir da Lei 11.645 (a obrigatoriedade do ensino da História da África e afro-brasileira e indígena nas escolas) (Bertolino, 2024, p. 121).

Ela também destaca que essa prática guarda um conjunto de ensinamentos preciosos oriundos da lógica da cosmovisão africana, relacionados à tradição, oralidade e identidade — valores profundamente presentes na sociedade brasileira.

A dança afro-brasileira, enquanto expressão de memória e cultura, constitui um campo fértil para a construção de identidades negras e a reconexão com ancestralidades africanas no Brasil. Atua como prática pedagógica ao romper com modelos coloniais que fragmentam corpo, mente e espírito. Além disso, articula valores éticos e estéticos que se desdobram em uma prática educativa crítica, capaz de reverter o apagamento histórico e cultural sofrido pela população negra.

Este trabalho utiliza esses fundamentos para enfatizar a importância na capacitação de educadores na Educação Infantil, possibilitando a construção de práticas pedagógicas que afirmem identidades negras e promovam um ambiente escolar onde as culturas afro-brasileiras e africanas sejam reconhecidas e celebradas como parte essencial da constituição do ser e da cidadania no Brasil.

O preconceito e o racismo também se manifestam na Educação Infantil. Como aponta a *Política de Educação Infantil em Contagem* (2020), não se pode ignorar situações em que algumas crianças demonstram resistência em se sentar próximas às crianças negras, dançar com elas ou manter qualquer relação. O documento ressalta que cabe à equipe de professores(as) e educadores(as) propor ações que fortaleçam a construção da autoestima, do autoconceito e da identidade de todas as crianças. Como afirma o texto: "É papel da equipe de professores(as) ou educadores(as) propor ações que fomentem estas construções, com vistas à equidade e direito de aprendizagem" (Contagem, 2020, p. 20).

A dança afro-brasileira como prática pedagógica nesta pesquisa, busca não apenas contribuir para a formação de profissionais da educação básica, mas também fomentar uma proposta de educação antirracista que valorize a cultura afro-brasileira e reconheça, nas crianças negras, suas potências, histórias e modos próprios de existir.

As raízes das sementes deste trabalho – seus fundamentos mais profundos – estão fincadas em práticas pedagógicas voltadas para o ensino das relações étnico-raciais, reconhecendo a relação simbiótica entre arte, educação e identidade cultural. A dança é aqui compreendida como um caminho para ressignificar as relações étnico-raciais no ambiente escolar, promovendo espaços de escuta, expressão e pertencimento.

A abordagem metodológica adotada é a pesquisa-ação, que, como explica Severino (2016), caracteriza-se por ser uma modalidade investigativa que articula a produção de conhecimento com a transformação prática da realidade, exigindo o envolvimento direto do pesquisador nas ações empreendidas. Para adentrar as camadas da negritude no ambiente escolar, lanço mão dos estudos de Leda Maria Martins (2021) como um dos principais nutrientes teóricos deste trabalho. Em *Performances do Tempo Espiral*, a autora apresenta o corpo como um receptáculo e projetor de memórias, saberes e conhecimentos – uma espécie de cabaça viva, onde se entrelaçam experiências sensíveis, estéticas, filosóficas e técnicas. Ela destaca que “nos conhecimentos culturais incorporados, saberes de várias ordens se manifestam, sejam eles de natureza filosófica, estética, técnica, entre outros; quer nos mais notáveis eventos socioculturais, quer nas mínimas e invisíveis ações do cotidiano” (Martins, 2021, p. 13).

Nessa mesma direção, Inacyra Falcão dos Santos (2007) compreende o corpo como território de ancestralidade. Para ela, os gestos e danças oriundos das matrizes africanas convocam a presença dos que vieram antes, atualizando seus ensinamentos e modos de vida. É nesse solo fértil que brotam minhas práticas em dança: cultivadas por mestres e mestras que me transmitiram saberes corporais e identitários, os quais germinaram em uma metodologia própria

de ensino – enraizada na musicalidade negra, nos ritmos africanos e diaspóricos, e na potência expressiva do corpo em movimento.

Nessa metodologia, utilizo a musicalidade de artistas negros como forma de convocar memórias corporais ancestrais – estejam elas presentes em corpos negros ou não – e de semear diálogos entre os tambores, os ritmos da África e suas diásporas, e os gestos dançados que emergem no aqui e agora da sala de aula.

A proposta dialoga com a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), inserida nos currículos escolares, e com os direitos de aprendizagem da Educação Infantil estabelecidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ao definir os eixos estruturantes da Educação Infantil nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento – conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se –, a BNCC aponta caminhos para a construção de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a identidade cultural das crianças. Esses princípios constituem um alicerce importante para a inserção da dança afro-brasileira no cotidiano das práticas educativas.

Como base metodológica, serão utilizados os módulos do *Caderno de Currículo de Contagem – A Criança e o Mundo Social, A Criança, o Corpo e a Linguagem Corporal e A Criança, a Música e a Linguagem Musical* – com o objetivo de conectar os direitos previstos na BNCC às experiências concretas da infância. Esse material pedagógico oferece suporte teórico e prático aos educadores, incentivando a construção de um ensino que promova o pertencimento, o respeito à diversidade e a potência criativa presente na dança afro-brasileira.

A pesquisa também se fundamenta na abordagem teórico-metodológica e antirracista proposta por Sandra Petit (2015) em *Pretagogia*. Essa perspectiva pedagógica inspira-se nas filosofias africanas e nos estudos de autoras e autores como Amadou Hampâté Bâ, Kabengele Munanga, Muniz Sodré, Nilma Lino Gomes, Edimilson de Almeida Pereira, Sueli Carneiro, Grada Kilomba, Renato Nogueira, entre outros.

A *Pretagogia* propõe uma pedagogia que não apenas reconhece a centralidade das tradições africanas, mas também as reatualizam, estabelecendo diálogos vivos com as culturas afro-brasileiras e afrodiaspóricas como formas de resistência, reinvenção e recriação.

Petit desenvolve conceitos operatórios fundamentais que se tornaram sementes conceituais importantes para esta pesquisa: ancestralidade e processos iniciáticos (valorização das vivências que moldam a subjetividade); pertencimento (a sensação de enraizamento nas referências culturais e sociais); espiritualidade (a conexão entre corpo, mente e dimensões transcendentais); e transversalidade (a articulação desses elementos em múltiplos contextos). Esses conceitos não apenas orientaram a proposta, mas encontraram na dança afro-brasileira

um campo fértil para se corporificarem – uma cabaça onde esses saberes ganham forma, ritmo e presença, fazendo germinar práticas pedagógicas alinhadas à vida, à memória e à transformação.

Rodolfo Lima (2016) reforça esse pensamento ao afirmar que as danças de matriz africana são também práticas epistemológicas, pois organizam o pensamento por meio da circularidade, do corpo em movimento e da relação comunitária. Assim, ao incorporar a dança afro-brasileira como linguagem pedagógica, reafirmo seu papel no ensino e aprendizagem capaz de afirmar identidades negras, descolonizar a escola e promover uma educação sensível à diversidade.

Como aponta bell hooks (2013), ensinar é um ato político e afetivo: um movimento que rompe com a neutralidade do conhecimento e transforma a sala de aula em um espaço de libertação. Neste trabalho, a dança afro-brasileira é convocada como ato pedagógico, trilhando um caminho de reexistência e reencantamento do mundo por meio do corpo.

Meu trabalho também se ancora em raízes que não brotaram exclusivamente do contato com leituras acadêmicas, mas de encontros significativos com pesquisadores durante a disciplina *Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade*, ofertada no âmbito do Mestrado Profissional. Esta disciplina propõe o compartilhamento de pesquisas desenvolvidas por estudiosos da dança e de outras áreas do conhecimento, oferecendo suporte epistemológico às investigações das pessoas mestradas. Nela, os debates com os(as) convidados(as) Ton Bispo, Bárbara Carine, Evandro Passos e Clécia Queiroz – artistas- educadores com trajetórias marcadas pela atuação crítica e antirracista – contribuíram diretamente com o aprofundamento da minha pesquisa, especialmente no que se refere à centralidade no ensino afrodiaspórico. Seus estudos dialogam com meu tema da minha investigação e utilizam a aprendizagem ancestral como metodologia, alicerçadas em tradições orais e corporais afrodiaspóricas.

Em sua apresentação, Ton Bispo¹ abordou sua pesquisa sobre o Pagode Baiano (Santos, 2022). Sua prática pedagógica se diferencia das metodologias tradicionais de ensino da dança, nas quais o professor atua como modelo para os alunos, que apenas repetem seus movimentos. Ao contrário disso, Ton estimulou os participantes a se movimentarem livremente, de acordo com a musicalidade, promovendo uma experimentação guiada por estímulos e comandos inspirados nos contextos culturais da cidade de Salvador. Os

¹ Referência ao dançarino e pesquisador Everton Bispo dos Santos, Doutorando e Mestre em Dança pela Universidade Federal da Bahia, especialista em Estudos Contemporâneos em Dança, Bacharel, Licenciado em dança pela mesma Universidade.

participantes transformaram esses estímulos em movimentos a partir de suas memórias corporais individuais.

Ton reconhece os espaços não formais – como festas de rua, cortejos e festivais – como ambientes legítimos de aprendizagem, uma perspectiva com a qual me identifico profundamente. Assim como ele, busco, em minhas aulas, relacionar e contextualizar os aprendizados que a dança me proporcionou ao longo da vida. Além disso, valorizo as experiências adquiridas nos grupos de dança dos quais participei, nos eventos festivos da comunidade quilombola e nos projetos sociais onde fui assistida, reconhecendo esses espaços como fundamentais para minha formação.

Evandro Passos², em sua visita ao PRODAN como pesquisador convidado, compartilhou sua trajetória nas danças afro, marcada por vivências em intercâmbio na Costa do Marfim e pela influência de mestres e mestras da dança, como Clyde Morgan, Marlene Silva e Mercedes Baptista. A metodologia que utiliza em sua pesquisa sobre Mercedes Baptista (2019) enfatiza a valorização das memórias, o resgate das origens e a transmissão oral das histórias, reafirmando a importância de lembrar de onde viemos e honrar aqueles que vieram antes de nós.

Clécia Queiroz³, apresentou sua pesquisa sobre as configurações cênicas do samba de roda no Recôncavo Baiano e as formas pelas quais essas representações são transmitidas e difundidas comunitariamente. Essas dinâmicas, que percebo como *Sambanças no Tempo: Dança, Música e Educação*, evidenciam a potência da tradição oral e coletiva na preservação cultural.

Em sua pesquisa, Clécia adota a perspectiva epistemológica multirreferencial (Ardoino, 1998), incorporando diversas referências – vídeos, depoimentos e músicas – que me instigaram a repensar minha metodologia quanto os referenciais teóricos utilizados (Queiroz, 2019). Inspirada por essa abordagem, também busquei registrar os momentos da pesquisa por meio de relatos escritos e audiovisuais, compreendendo a importância do registro para a continuidade e renovação dos saberes.

² Referência ao dançarino e pesquisador Evandro dos Passos Xavier. Evandro possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP), é doutorando em Dança pela UFBA e pesquisador das Danças Afro Referenciadas.

³ Referência a Clécia Maria Aquino de Queiroz, graduada em Licenciatura em Dança (UFBA), Mestre em Artes (Howard University, EUA), Doutora em Difusão do Conhecimento pela UFBA e pesquisadora do samba de roda do Recôncavo Baiano. Clécia foi uma das professoras da disciplina, além de ser minha orientadora no PRODAN.

Além disso, Clécia utiliza a oralidade como meio valioso no compartilhamento de saberes, resgatando e revitalizando tradições. Seu mapeamento dos sambas de algumas sambadeiras revelou que o *sambado* não segue um modelo fixo, variando conforme as personalidades das dançantes, suas percepções musicais e os ritos das próprias comunidades.

A quarta convidada à qual me reporto aqui é Bárbara Carine⁴. Diferentemente dos demais pesquisadores que compartilharam suas pesquisas no espaço físico da Escola de Dança da UFBA, a turma de *Tópicos Interdisciplinares em Dança e Contemporaneidade* deslocou-se até o Departamento de Química. Ali, junto aos discentes do curso de graduação em Química da UFBA, assistimos à palestra de Bárbara com a temática "*Descolonizando Saberes*", ministrada como parte do conteúdo programático do componente curricular *O Professor e o Ensino da Química*.

Segundo Bárbara, para discutir decolonialidade é essencial compreender a colonialidade, pois a primeira configura-se como enfrentamento contraposição à lógica colonial. Ela conecta passado, presente e futuro, definindo esse trajeto como "*linearidade colonial*" – uma estrutura que aprisiona os povos negros em uma perspectiva de escravidão mental, colonizando o pensamento e levando-os a acreditar que, por descenderem de povos escravizados, devem se contentar com menos.

A pesquisadora apresentou alguns conceitos fundamentais para compreender o legado da colonização na constituição dos saberes e das práticas pedagógicas: *Pilhagem Epistêmica* (Freitas, 2016), *Epistemicídio* (Santos, 2002), *Escravidão Mental* (Césaire, 1978) e *Alterocídio* (Mbembe, 2018).

O conceito de pilhagem epistêmica, conforme definido por Freitas (2016), refere-se ao processo de apropriação indevida dos conhecimentos, tecnologias e cosmologias produzidos por povos subalternizados, cujos saberes são frequentemente retirados de seus contextos originários e incorporados a paradigmas hegemônicos sem o devido reconhecimento. Essa pilhagem, longe de ser apenas um fenômeno histórico, se perpetua nas práticas educativas contemporâneas, quando saberes afro-brasileiros e indígenas são utilizados sem conexão com suas raízes filosóficas e espirituais.

Já o conceito de epistemicídio, desenvolvido por Santos (2002), denuncia o processo sistemático de deslegitimação e eliminação das epistemologias produzidas fora do eixo

⁴ Referência a Bárbara Carine Soares Pinheiro, pesquisadora graduada em Química e Filosofia pela UFBA, Professora Adjunta IV na UFBA, Mestra e Doutora em Ensino de Química pelo programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da UFBA/UEFS.

ocidental. Para o autor, os saberes ancestrais de matrizes africanas e indígenas foram – e continuam sendo – silenciados por uma lógica científica eurocentrada que os considera inferiores ou não válidos. Esse processo de apagamento compromete a diversidade epistêmica e impede que outras formas de conhecer e existir sejam plenamente valorizadas nos espaços educativos.

Ao abordar a escravidão mental, Césaire (1978) nos lembra que os efeitos do colonialismo não se restringem à exploração física e territorial, mas se aprofundam na colonização do pensamento. Segundo ele, a violência simbólica imposta aos povos colonizados compromete sua autoestima, sua autonomia cultural e cognitiva, e naturaliza a ideia de inferioridade – inclusive nos processos formativos. Essa lógica ainda reverbera nas instituições de ensino, que frequentemente reforçam padrões culturais e epistemológicos que desconsideram os saberes oriundos das diásporas africanas.

Por fim, Mbembe (2018) introduz o conceito de alterocídio, entendido como a anulação do outro enquanto sujeito de saber. Para o autor, conhecer o outro apenas para desqualificá-lo ou subjugar-lo é um dos mecanismos mais sofisticados da colonialidade do saber. Essa prática, ainda presente em muitas abordagens educacionais, transforma as culturas afro-brasileiras em objetos de curiosidade ou exotismo, em vez de reconhecê-las como fontes legítimas de conhecimento e experiência.

Ao relacionar minha pesquisa – que trata da capacitação de profissionais da educação para a aplicabilidade da Lei 10.639/03 por meio da Dança Afro-Brasileira – com a fala de Bárbara Carine acerca desses autores/conceitos, percebo que um ponto de convergência: ambas evidenciam a potência da população negra e promovem a descolonização do corpo e da mente.

Nas apresentações dos quatro pesquisadores aqui mencionados, observo um panorama das experiências da diáspora que se estruturam na oralidade. Se pensarmos na África e na cultura ancestral, a oralidade é o ponto de partida de tudo – das literaturas, filosofias, danças e musicalidades. Mais do que um meio de comunicação, a oralidade é uma forma legítima de transmissão e aquisição de conhecimento, sendo uma das manifestações mais poderosas da aprendizagem ancestral.

Me reporto, por fim, a uma outra autora que está presente na raiz deste trabalho: Azoilda Loretto da Trindade (1957-2015), professora e pesquisadora, que desenvolveu princípios fundamentais para a prática da Educação para as Relações Étnico-Raciais. Suas contribuições teóricas e metodológicas visam à construção de um ambiente educativo antirracista que reconheça e acolha as individualidades, características e culturas das crianças negras.

Foi ela a responsável por sistematizar a metodologia conhecida como “*Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros*”, que contempla os seguintes princípios: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade, energia vital e ludicidade. Esses valores oferecem subsídios potentes para a atuação de educadores comprometidos com uma educação antirracista. Na presente pesquisa, eles fundamentam e atravessam as metodologias pedagógicas propostas em cada uma das sugestões de atividades.

Segundo Trindade (2010), se estamos em constante devir – vir a ser –, torna-se essencial a preservação da memória e o respeito à ancestralidade, presente em múltiplos territórios, inclusive nos territórios sagrados, compreendidos como lugares de memória ancestral e coletiva. Esses espaços são tecidos por processos de cooperação, oralidade e corporeidade, entre outros elementos vitais à transmissão de saberes. Como afirma a autora, são:

(...) memórias a serem preservadas como relíquias, memórias comuns, coletivas, tecidas e compartilhadas por processos de COOPERAÇÃO e COMUNITARISMO, por ORALIDADES, pela palavra, pelos corpos diversos, singulares e plurais (CORPOREIDADES), pela música (MUSICALIDADE) e, sobretudo, por que não, pelo prazer de viver – LUDICIDADE (Trindade, 2010, p. 14).

A pesquisa tem como base práticas pedagógicas antirracistas, com estratégias voltadas para o trabalho com as relações étnico-raciais por meio da dança afro-brasileira. O desenvolvimento da proposta considerou a relação simbiótica entre arte, educação e identidade cultural, que constituiu o eixo central da condução metodológica.

Diante do entrelaçamento dessas referências – que vão das epistemologias afrocentradas às críticas às estruturas coloniais de produção do conhecimento – esta pesquisa firma-se como terreno fértil para a construção de práticas educativas comprometidas com a justiça racial e a valorização dos saberes historicamente marginalizados. Os conceitos de pilhagem epistêmica, epistemicídio, escravidão mental e alterocídio permitem reconhecer as violências simbólicas ainda presentes nos contextos escolares, ao mesmo tempo em que apontam para a urgência de uma pedagogia que promova o reencontro com a ancestralidade, a dignidade e a potência do corpo negro.

Ao trazer a dança afro-brasileira como linguagem pedagógica, a proposta aqui delineada se ancora não apenas em marcos legais e referenciais curriculares, mas em uma cosmovisão que compreende o corpo como território de memória, a oralidade como prática epistemológica e a coletividade como fundamento da aprendizagem. Esse referencial, portanto,

aduba a semente de uma educação que reconhece a criança negra como sujeito de saber, cultivando caminhos para a construção de um currículo mais justo, afetivo e profundamente enraizado na diversidade brasileira.

3 DANÇA AFRORMATIVA

Figura 3 - Flyer de Divulgação - Oficina Dança Afrormativa, 2024



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Dança Afrormativa é um termo que criei a partir de uma palestra da professora Leda Maria Martins, que assisti em Salvador. Nessa ocasião, ela abordou o conceito de *Afrografias*, que desenvolveu para tratar da textualidade oral afro-brasileira, destacando que a transmissão da cultura afro-brasileira ocorre por meio do corpo. Leda menciona o conceito de *corpo-tela*, que, metaforicamente, é o lugar onde os saberes são inscritos.

Ao ouvir sua fala, imediatamente estabeleci uma conexão entre esse conceito e minha pesquisa de mestrado, cujo objetivo era desenvolver uma proposta pedagógica voltada para a aplicabilidade da Lei 10.639/03. Para isso, previ a realização de oficinas de capacitação

destinadas a profissionais da Educação Infantil do município de Contagem (MG), tendo a dança afro-brasileira como eixo central. Foi nesse contexto que surgiu, em minha mente, o termo *Afrormativa*, que compreendo como uma formação pautada no ensino afrodiaspórico.

Dança Afrormativa refere-se à realização de oficinas de formação em danças afro-brasileiras voltadas para educadores da rede pública de Contagem. A proposta ultrapassa a compreensão dos ritmos e o aprimoramento da expressividade artística e corporal. O objetivo é que essas oficinas, do ponto de vista pedagógico, funcionem como um espaço de reflexão sobre a legislação que regulamenta o ensino da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. Entre as normas que orientam essa prática, destacam-se a Lei nº 10.639/03, posteriormente alterada pela Lei nº 11.645/08, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em todo o currículo escolar, com ênfase nas áreas de educação artística, literatura e história do Brasil; e a Lei nº 13.278/16, que estabelece que as artes visuais, a dança, a música e o teatro integrem o componente curricular de Arte, disciplina obrigatória na educação básica.

Alguns dos objetivos específicos dessa proposta são:

1. Potencializar o diálogo e a reflexão: Criar espaços de troca entre educadores para discutir como a cultura e a história afro-brasileira estão sendo abordadas nas disciplinas que ministram, além de compartilhar experiências vivenciadas em sala de aula sobre essa temática. Essa abordagem utiliza o método dialógico como meio de conscientização e construção coletiva do conhecimento.

2. Despertar o conhecimento sobre ritmos afro-brasileiros: Apresentar a história e a importância dos ritmos afro-brasileiros, destacando sua relevância cultural e sua conexão com a formação histórica do Brasil. Esse objetivo é alcançado por meio de uma abordagem expositiva, proporcionando aos educadores um repertório mais amplo sobre o tema.

3. Promover a prática da dança: Oferecer vivências práticas em dança afro-brasileira, explorando diferentes ritmos, como dança afro-mineira, axé, funk, samba de roda, maracatu, entre outros. Essa experiência permitirá que os educadores adquiram habilidades técnicas e rítmicas, além de favorecer o desenvolvimento socioemocional, valorizando o corpo como ponte essencial no processo de aprendizado.

4. Integrar dança e pedagogia: Estimular a relação entre dança e pedagogia por meio das oficinas formativas, sensibilizando os educadores para a importância da cultura afro-brasileira em suas práticas pedagógicas e incentivando a adoção de metodologias que contemplem essa diversidade cultural

A proposta da Dança Afrormativa visa fortalecer a atuação de educadores na promoção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade étnico-racial e os saberes afro-brasileiros. Mais do que cumprir uma exigência legal, trata-se de ampliar a consciência crítica e cultural dos profissionais da educação, estimulando abordagens que reconheçam e integrem as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes à formação da sociedade brasileira. Acredita-se que investir na formação docente é uma estratégia potente para transformar os ambientes escolares em espaços mais justos, representativos e comprometidos com a equidade.

Essa formação, contudo, não se constrói de forma verticalizada, mas requer o cultivo de relações pedagógicas dialógicas, baseadas na escuta e na reciprocidade. Nesse sentido, acompanho a reflexão de Lenira Peral Rengel e Antrifo Ribeiro Sanches Neto (2018), que compreendem o conhecimento não como uma via de mão única, mas como um processo de mão dupla, caracterizado pela partilha e pela troca entre educador e educando. Um dos princípios fundamentais da cultura africana é o compartilhamento dos saberes. Dessa forma, minha prática pedagógica é circular e não linear – aprendo enquanto ensino.

Ao refletir sobre a relação entre educação e ensino, encontrei um ponto de conexão com minha pesquisa no artigo *Arte/Dança como Tecnologia Educacional I*, de Ana Elisabeth Simões Brandão (Beth Rangel) e Rita Ferreira de Aquino. As autoras pontuam que (2018, p. 37):

Educação e Ensino, embora não sejam termos sinônimos, não existe um sem o outro. O Ensino é o processo que faz com que a Educação ocorra. Ele se dá, principalmente, nas chamadas instituições: escolas e universidades, que tratam da formação escolar. O Ensino é uma forma sistemática (organizada) pela qual se educam as pessoas em uma determinada sociedade.

A partir dessa reflexão, acredito que, como metodologia de pesquisa, o ensino de danças afro-brasileiras voltado para educadores pode ampliar o conhecimento sobre a identidade afrodiaspórica. Isso porque esses profissionais atuarão como multiplicadores da conexão entre educandos e o ensino da cultura e da história africana e afro-brasileira.

Portanto, ao sensibilizar e capacitar professores, esta pesquisa busca promover mudanças significativas nas práticas pedagógicas, tornando o ensino mais inclusivo e abrangente no que diz respeito à história e cultura afro-brasileira. Além disso, ao atingir diretamente os educadores, seus benefícios se estenderão diretamente aos estudantes das escolas onde esses professores atuam. O impacto desse processo se refletirá na forma como compartilham o conhecimento adquirido em suas aulas, criando um ambiente de aprendizado

mais enriquecedor. Acredito que esse conhecimento pode contribuir para transformar a estrutura do racismo excludente e violento, ainda que, por ora, essa mudança pareça utópica.

4 PLANTANDO SABERES

Esta seção apresenta as oficinas de formação continuada realizadas com educadores da rede pública de Contagem (MG), integrando dança afro-brasileira, musicalidade e pedagogias afrorreferenciadas como caminhos para a implementação da Lei 10.639/03. As oficinas foram organizadas com base na escuta atenta, no acolhimento e no reconhecimento da potência formativa do corpo em movimento. Busco, aqui, compartilhar não apenas os conteúdos e metodologias utilizados, mas também os encontros e transformações que esse processo possibilitou.

Iniciar essa narrativa com o depoimento sensível de uma educadora popular, aqui chamada de Áurea (nome fictício para preservar sua identidade), é reconhecer a força que a dança afro-brasileira tem como tecnologia de formação e despertar. Seu relato foi colhido ao final de uma das oficinas que conduzi durante o Curso de Férias para Educadores Populares. Com palavras simples e emocionadas, ela expressou o impacto da experiência na sua trajetória e na dos docentes que se dispuseram a participar das práticas de capacitação: um despertar para outras formas de ensinar, sentir e se conectar. Segundo Áurea, o aprendizado mais marcante da oficina foi perceber a escuta, o cuidado e o respeito aos limites individuais como fundamentais práticas pedagógicas. Ela destacou a importância do espaço de fala e de movimento como territórios antes inacessíveis, mas que agora poderiam ser ocupados com dignidade.

Em sua fala, Áurea, que tem 75 anos de idade, revelou que a oficina ampliou sua percepção sobre os próprios afazeres, especialmente por atuar com adolescentes e jovens. Disse que o processo lhe trouxe mais discernimento sobre como transmitir mensagens significativas a partir do corpo e do afeto. Para ela, os instrutores da oficina foram, ao mesmo tempo, mestres e cuidadores, pois criaram um ambiente de respeito, partilha e escuta. Reconheceu naquele gesto pedagógico algo profundamente enraizado nas tradições negras: o cuidado coletivo, a escuta como prática ancestral, a atenção aos tempos do outro. Ao final, afirmou com ternura que “isso é coisa do povo preto: estamos sempre cuidando uns dos outros”.

Esse relato traduz com profundidade os ensinamentos que recebi de meus mestres de dança. Ernane Ferreira me guiou nos primeiros passos; Paloma Rodrigues despertou em mim os encantos da Dança do Ventre; Carlos Afro proporcionou o reencontro com minhas raízes; e Evandro Passos me ensinou que minha própria dança também pode nutrir e frutificar.

A pesquisa que desenvolvo nasce da necessidade de propor caminhos para aplicar a Lei 10.639/03 de maneira sensível, prática e ancorada em saberes ancestrais. A dança afro-brasileira, aqui, não é apenas expressão estética ou técnica, mas se constitui como metodologia pedagógica e de reflexão sobre o ensino das culturas negras que estruturaram o país. Como afirma Muniz Sodré (2002, p. 47), “não há Brasil sem a África. As raízes africanas estão na linguagem, na religiosidade, na música, na culinária, na afetividade. A cultura negra estrutura o Brasil profundo”.

O processo de pesquisa se sustenta na relação entre corpo, cultura africana e afro-brasileira, tendo a ancestralidade como celebração, referência, preservação e respeito às contribuições dos povos africanos na formação da sociedade brasileira. A escola, nesse contexto, é compreendida como base e território privilegiado para essa investigação, especialmente por meio do ensino da dança afro-brasileira como via de aproximação identitária e de conexão com os saberes ancestrais. O corpo, entendido como projetor de memórias, conhecimentos e histórias, ocupa papel central nessa construção. Por meio desta pesquisa, busco apresentar as possibilidades e os desafios da educação nas relações étnico-raciais junto aos profissionais da educação básica, com ênfase na Educação Infantil, voltada a crianças de zero a cinco anos.

Ao propor oficinas com base em perspectivas aforreferenciadas, tenho testemunhado o potencial transformador da escuta, da circularidade e do reconhecimento do corpo como território de saber. Trata-se de um processo que conecta memória, identidade e educação, possibilitando que educadores e educadoras se reconheçam como sujeitos de uma história que também se conta com o corpo.

O trabalho é atravessado por dimensões fundamentais: a relação entre corpo e ancestralidade; a celebração e preservação das culturas africanas e afro-brasileiras; e o espaço escolar como território privilegiado para esse reencontro. A dança afro-brasileira, nesse contexto, promove uma aproximação identitária, fortalece o pertencimento e reativa memórias ancestrais, mesmo em corpos que não tenham origem negra. Com base nesses princípios, apresento a seguir as três etapas das oficinas desenvolvidas, descrevendo as práticas realizadas, as músicas utilizadas e as metodologias de ensino mobilizadas em cada fase.

Figura 4 - Flyer de Divulgação



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

Figura 5 - Workshop Danças Afro-brasileiras, 2023



Fonte: Acervo Pessoal, 2023

4.1 ETAPA 1 – WORKSHOP DE DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS: NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO ARTÍSTICA E CIDADÃ

Esta etapa foi realizada com o apoio do Fundo Municipal de Cultura da Prefeitura de Contagem e teve como objetivo oferecer uma capacitação para quatro educadores da dança, cada um com trajetória em uma linguagem distinta, porém todas ancoradas em referências afrodiaspóricas: samba, maracatu, danças africanas e funk/pagode/axé music. O workshop foi desenvolvido ao longo de três dias, com atividades práticas e colaborativas, promovendo o intercâmbio entre saberes artísticos, experiências pedagógicas e vivências culturais enraizadas em matrizes afro-brasileiras.

1º dia: Apresentei a base conceitual da minha metodologia de dança afro-brasileira. Trabalhamos a ideia de que essa dança é a junção de movimentos que expressam a identidade do indivíduo, conectados à natureza, às ancestralidades e aos ritmos afro-brasileiros. Compartilhei que minha abordagem parte das histórias e memórias dos participantes como ponto de partida para a criação corporal.

Como as oficinas ocorreram de forma instantânea, com apenas um horário reservado para cada turma contemplada, a metodologia e a escolha das musicalidades foram pensadas de acordo com a localidade – o bairro Nova Contagem, na cidade de Contagem, Minas Gerais. Por se tratar de um ambiente urbano, optamos por musicalidades de maior popularidade, mais próximas do repertório que as crianças já conheciam.

A metodologia seguiu os seguintes passos: inicialmente, apresentei o ritmo a ser trabalhado, seguido da apresentação e do ensino de uma coreografia. Essa coreografia poderia ser ajustada de acordo com o perfil de cada grupo, ou até mesmo construída em colaboração com os participantes, valorizando o trabalho coletivo.

2º dia: Cada educador compartilhou sua prática, demonstrando movimentos e estratégias didáticas. Houve trocas de saberes e metodologias entre os participantes, o que fortaleceu o aprendizado coletivo e possibilitou um ambiente de construção colaborativa.

3º dia: Selecionamos músicas específicas para serem trabalhadas em cada segmento da educação – Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e EJA – e simulamos as oficinas entre nós, criando repertórios adaptáveis às diferentes faixas etárias.

Após a capacitação, realizamos oficinas nas escolas públicas do bairro Nova Contagem. A didática envolvia um sistema de revezamento: em cada escola, a equipe passava por todas as turmas, com um professor em cada sala por horário. Na Escola de Educação Infantil, cada oficina tinha duração de 1 hora e 30 minutos; nos demais seguimentos os horários

eram organizados em blocos de 50 minutos. Em alguns casos, foi necessário agrupar duas ou mais turmas, devido à carga horária disponível, à quantidade de turmas atendidas ou às limitações do espaço físico.

Figura 6 - Curso de Férias para Educadores Populares em Caratinga/MG, 2023



Fonte: Acervo Pessoal, 2023

Figura 7 - Curso de Férias para Educadores Populares em Caratinga/MG, 2023



Fonte: Acervo Pessoal, 2023.

4.2 ETAPA 2 – CURSO DE FÉRIAS PARA EDUCADORES POPULARES: “LETRAMENTO RACIAL: CARTOGRAFIAS CORPORAIS AFRODIASPÓRICAS”

A oficina foi realizada na cidade de Caratinga, na região do Vale do Rio Doce (MG), em parceria com o colega pedagogo e profissional da dança Paixão Sessemeandé. A proposta foi estruturada em três dias, cada um com dinâmicas corporais específicas.

4.2.1 DIA 1: CAMINHO:

Trabalhamos a relação entre identidade e corpo. A primeira atividade foi a chamada “dinâmica do nome”. Em círculo, convidamos cada participante a dizer seu nome acompanhado de um movimento corporal. O grupo repetia, em sequência, os nomes e movimentos de todos, criando um ritmo coletivo seguido de gestos.

Utilizamos essa dinâmica no primeiro dia como uma forma de integração, para que os participantes se conhecessem e se sentissem acolhidos e à vontade durante todas as etapas da oficina. A ludicidade foi o recurso metodológico central nesse momento, pois acreditamos que, ao dizer o próprio nome e associá-lo a um movimento, a pessoa revela algo de sua identidade. Essa proposta dialoga com a importância do direito à apresentação de si, por meio da oralidade e da corporeidade, como expressões legítimas da singularidade de cada participante.

4.2.2 DIA 2: MEMÓRIA

Convidamos os participantes a acessarem memórias corporais do cotidiano. Iniciamos com um diálogo sobre as lembranças que cada um carregava de seus familiares – ações tradicionais, gestos cotidianos e ensinamentos transmitidos oralmente. Conversamos também sobre a relação dos participantes com o trabalho no campo ou no meio rural, considerando que a oficina foi realizada na cidade de Caratinga (MG), uma região marcada pela presença de fazendas, sítios e colheitas de café. Muitos dos participantes eram moradores do próprio município, enquanto outros vinham de cidades vizinhas com características rurais semelhantes.

Após o diálogo inicial, fizemos uma caminhada pelo espaço e, em determinado momento, ao nosso comando, os participantes paravam e traziam para o corpo uma memória marcante – algo que os havia tocado profundamente e que ainda permanecia vivo em suas trajetórias. A partir dessas experiências corporificadas, reunimos os gestos apresentados por todos e construímos, de forma colaborativa, uma coreografia ao som da música *Brasil 500* (Maurício Tizumba, 2003). A canção, que trata do plantio, da colheita e das contradições sociais brasileiras, serviu como trilha potente para transformar as memórias em movimento. Ela evoca, com força poética, a miséria persistente em um país de vasta extensão territorial, mas marcado pela desigualdade na distribuição da terra.

4.2.3 DIA 3: COSTURA

No último encontro, desenvolvemos a dinâmica do barbante como representação simbólica da construção coletiva. Uma pessoa segurava a ponta de um barbante e passava o rolo a outra com quem sentia conexão. Essa, por sua vez, repetia o gesto, encaminhando o barbante a alguém com quem também se identificava, até que todas as pessoas estivessem segurando uma ponta. Assim, formava-se uma costura simbólica – ou, como alguns preferem chamar, uma “teia de aranha”. Ao final da dinâmica, o barbante era cuidadosamente enrolado de volta até o ponto de origem, simbolizando o retorno, o cuidado e a circularidade dos vínculos construídos. A atividade foi embalada pela música *Costura da Vida*, de Sérgio Pererê (2022), que deu tom poético e afetivo ao momento.

Encerramos com uma roda de conversa sobre a relação entre corpo, ancestralidade e oralidade, abrindo espaço para partilhas sensíveis de vivências. Nesse último momento, muitos se emocionaram ao relatar como a dinâmica do barbante havia despertado lembranças e conexões profundas. Alguns disseram ter se identificado com determinada pessoa desde o primeiro dia da oficina, reconhecendo-se ou fortalecendo-se na história do outro.

Como encerramento das atividades, os participantes realizaram uma apresentação com a coreografia coletiva construída a partir dos movimentos da memória. A apresentação foi feita diante do público do curso de férias. Para muitas pessoas, aquela oficina representou o primeiro contato com a dança – ainda assim, a forma como os encontros foram conduzidos ao longo dos três dias permitiu que se sentissem seguras, respeitadas e alegres ao se apresentarem.

Figura 8 - Oficina Dança Afromativa na Escola CEMEI Ipê Amarelo, 2024



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

4.2.4 Etapa 3 – Dança Afromativa: Oficina de Danças Afro-brasileiras para Educadores da Rede Pública

Essa etapa também foi viabilizada com apoio do Fundo Municipal de Cultura da Prefeitura de Contagem. Realizei oficinas com quatro grupos distintos de educadores, com foco em repertórios e coreografias aplicáveis ao cotidiano escolar – inicialmente voltada para crianças da Educação Infantil, mas com possibilidade de adaptação para outras modalidades de ensino.

As oficinas aconteceram em um único dia, com duração de três horas cada, e foram realizadas nos seguintes espaços: CEMEI Ipê Amarelo, EJA da Escola Municipal Giovanini Chiodi, uma turma do nono ano da Escola Adriano José Costa e com a equipe técnica do CREAS, todos localizados no bairro Nova Contagem, na cidade de Contagem, Minas Gerais.

Participaram professores(as), pedagogos(as), profissionais da limpeza, estudantes e técnicas de serviço social. Durante os encontros, dialogamos sobre maneiras de incorporar essas práticas ao ambiente escolar. A proposta não se restringe ao ensino de danças tradicionais ou à repetição de repertórios coreográficos, mas visa trabalhar princípios afrodiaspóricos, promovendo a conexão com o "eu" e com o corpo como tecnologia de reinvenção – um corpo que resiste, cria e desconstrói hierarquias coloniais.

Durante a realização das oficinas, a proposta metodológica foi organizada em três momentos principais, buscando integrar vivência corporal, musicalidade afro-brasileira e reflexão pedagógica. A seguir, descrevo cada uma dessas etapas, detalhando as atividades desenvolvidas e suas metodologias no processo de capacitação dos educadores.

1. Apresentação – Dinâmica do Nome:

Em círculo, cada participante se apresenta dizendo seu nome e realizando um movimento corporal, que é repetido pelo grupo em sequência. Essa prática promove escuta ativa e favorece a construção coletiva. Destaco, nessa atividade, a importância do nome e do direito de se apresentar e contar sua própria história. O movimento que cada pessoa realiza carrega elementos da sua individualidade e trajetória.

Após essa etapa, oriento os educadores sobre como adaptar a dinâmica ao contexto escolar, tanto na Educação Infantil quanto na EJA. Recomendo que, ao aplicá-la com crianças, a atividade seja explicada com uma linguagem simples e lúdica, oferecendo exemplos de movimentos e incentivando a repetição conjunta. Já com outros perfis, a dinâmica pode ser conduzida de forma mais direta, respeitando sempre as especificidades de cada grupo.

2. Cantigas Afro-brasileiras com Movimento Corporal:

Trabalhamos três cantigas tradicionais de domínio público, com coreografias simples, pensadas para aplicação em salas de aula:

Cantiga 1: Laranja Madura

Tanta laranja madura ô menina

Que cor são elas?

Elas são verde e amarela

Vira de costas (nome de alguém)

Da cor de canela

Coreografia:

Organizados em círculo, todos caminham no sentido horário.

- Com a perna direita à frente, os braços apontam para o centro da roda.
- Com a perna direita para trás, os braços se erguem para o alto.

Para as crianças da Educação Infantil e estudantes da EJA, sugere-se que os movimentos sejam feitos mantendo-se no lugar: com os braços esticados, apontam para o centro da roda e depois para cima, alternando-os conforme o ritmo da música.

Quando o nome de alguém é chamado, essa pessoa vira de costas e continua acompanhando a movimentação. A música se encerra quando todas as pessoas estiverem de costas.

Cantiga 2: Peneirei Fubá

Peneirei fubá, fubá caiu

Eu tornei a peneirar, fubá subiu

Ai ai ai, foi ela que me deixou

Ai ai ai, porque não me tem amor

Coreografia:

Pode ser realizada em círculo ou com os participantes dispostos de forma intercalada.

- Executar o movimento de peneirar com as duas mãos, como se segurassem uma peneira.
- Durante o trecho "peneirei fubá", o movimento parte para baixo e, em seguida, sobe, acompanhando o ritmo da música..
- No trecho "ai ai ai", realizar um giro completo, mantendo o gesto de peneirar para cima.

Dica: Confeccionar, junto com as crianças, uma “peneira” artesanal utilizando fitas coloridas e pratos de papel ou plástico. Levar uma peneira real e um pouco de fubá também pode ser interessante para que elas conheçam concretamente os elementos presentes na cantiga.

Cantiga 3: Tá Caindo Fulô

Tá caindo fulô, tá caindo fulô

Lá no céu, cá na terra

Ê tá caindo fulô

Coreografia:

Com os braços erguidos, realizar movimentos das mãos para cima e para baixo, como se estivessem imitando flores caindo, seguindo o ritmo da música. A organização dos participantes pode variar de acordo com a condução do(a) professor(a): em círculo, de forma intercalada ou em filas.

3. Roda de Diálogo:

Após a vivência prática, abrimos um espaço de escuta no qual os educadores compartilharam percepções, ideias para aplicação em sala de aula e reflexões sobre o uso da dança como caminho para trabalhar identidade, cultura afro-brasileira e pertencimento, em consonância com a Lei 10.639/03.

4.3 DESDOBRAMENTOS E POTÊNCIAS DA OFICINA

Concluídas as três etapas centrais da oficina, emergiram desdobramentos espontâneos e profundamente significativos a partir das vivências corporais e musicais. Os momentos finais de cada encontro revelaram potências do processo formativo, seja pelo compartilhamento de memórias, seja pela emergência de afetos e pelo fortalecimento do vínculo entre os participantes.

Todas as etapas foram concluídas com um momento de troca, ressaltando a importância de preservar e valorizar as culturas negras. As cantigas e músicas utilizadas ao longo da metodologia das aulas abordam vivências do cotidiano de mulheres lavadeiras, trabalhadores rurais e tradições do congado e do tambor mineiro. Ressalto a necessidade de levar esse conhecimento às crianças, promovendo a valorização da cultura afro-brasileira.

Durante os momentos de movimento e musicalidade, muitos educadores compartilharam memórias familiares associadas às cantigas, enquanto outros demonstraram interesse em aprofundar seus conhecimentos, especialmente nas cantigas com ritmos afrodiaspóricos, como *Tá Caindo Fulô* e *Costura da Vida*. Todos reconheceram a relevância de trazer essa cultura para o ambiente escolar.

Como enfatiza Bárbara Carine Pinheiro, “crianças em formação precisam nutrir-se do que realmente são, não do que não são, mas disseram acerca do mecanismo de controle social” (Pinheiro, 2023, p. 59).

As etapas realizadas propuseram capacitar educadores para incluir a dança afro-brasileira de maneira significativa no ambiente escolar, promovendo a valorização identitária, o respeito à diversidade cultural e a construção de um espaço de ensino mais inclusivo e representativo.

Nilma Lino Gomes reforça esse pensamento:

Acreditamos que olhar sobre a corporeidade negra poderá nos ajudar a encontrar outros elementos para a compreensão da identidade negra e de novas dimensões políticas e epistemológicas referentes à questão racial. É também um potencial de sabedoria, ensinamentos e aprendizados (Gomes, 2017, p. 68).

4.4 DESAFIOS POLÍTICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

O foco central desta pesquisa foi o bairro Nova Contagem, território onde nasci, cresci e permaneço até hoje. Ele fica localizado na cidade de Contagem, localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais, possui cerca de 649 mil habitantes, sendo o terceiro município mais populoso do estado, conforme dados do Censo de 2022. Com uma estimativa que varia entre 210 e 226 bairros, Contagem apresenta grande diversidade territorial. O município abriga duas comunidades quilombolas remanescentes: o tradicional Quilombo dos Arturos, já reconhecido oficialmente, e a Comunidade Remanescente Quilombola Manoel Ciríaco dos Santos, também conhecida como Comunidade dos Ciriacos.

Administrativamente, Contagem está organizada em oito regionais: Nacional, Sede, Riacho, Industrial, Eldorado, Ressaca, Petrolândia e Vargem das Flores. Cada regional possui sua própria equipe de gestão, o que facilita o acesso da população aos serviços públicos e permite maior eficiência na organização das políticas municipais, de acordo com as especificidades de cada território.

Entre as iniciativas desenvolvidas no município, destaca-se o Plano Municipal de Promoção da Igualdade Racial (PLAMPIR), instituído pela Lei nº 4.812/2016. Construído em diálogo com a sociedade civil, o plano promove ações afirmativas voltadas ao enfrentamento do racismo. No campo da educação, atua na mobilização de práticas antirracistas, contribuindo para a valorização da história e da cultura afro-brasileira nas escolas da rede municipal.

A implementação do PLAMPIR é acompanhada pela Comissão Municipal de Promoção da Igualdade Racial (COMPIR), composta por representantes do poder público e da sociedade civil, que colaboram com o monitoramento e a proposição de políticas voltadas à igualdade racial. Contagem conta ainda com uma Superintendência de Igualdade Racial,

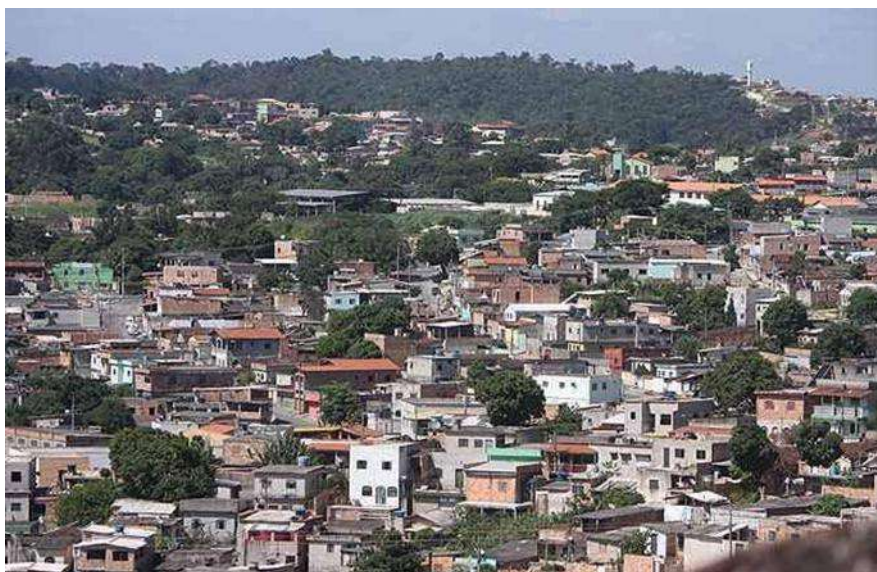
vinculada à Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, responsável por coordenar as ações do plano, articular com os territórios e garantir a transversalidade da pauta racial nas diversas secretarias do município.

Foi a partir das vivências e observações no bairro Nova Contagem – território marcado por uma rica presença cultural, mas também por desafios estruturais no campo da educação – que identifiquei a urgência de aprofundar, em âmbito acadêmico, uma investigação voltada à valorização da cultura afro-brasileira na Educação Infantil. As ausências de práticas pedagógicas antirracistas, as dificuldades no cumprimento da Lei 11.645/08 e o desinteresse de parte do corpo docente em abordar a história e a cultura afro-brasileira foram fatores decisivos para a construção deste trabalho.

Em 2024, durante a realização da pesquisa em campo do Mestrado, enfrentei dificuldades para acessar escolas. Muitos profissionais demonstraram desinteresse em receber as oficinas, enquanto outros sequer responderam às tentativas de contato. Esse cenário evidencia a ineficiência dos órgãos de educação na fiscalização da aplicação da Lei 11.645 e a resistência de muitos educadores em abordar a história e a cultura africana e afro-brasileira.

A falta de capacitação de docentes impacta negativamente os estudantes, dificultando o enfrentamento de questões raciais e a promoção da autoestima de crianças negras. Esses desafios reforçam a importância da pesquisa, da cultura e da dança afro-brasileira na educação, além da necessidade de valorizar a história negra em toda sua potência.

Figura 9 - Vista do Alto do Bairro Nova Contagem, Contagem/MG



Fonte: Edésio Ferreira, 2014.

Essa problemática me fez recordar o incômodo constante que senti, ainda enquanto professora, diante da ausência de ações pedagógicas consistentes voltadas às relações étnico-raciais no ambiente escolar. Ao longo deste processo de pesquisa, esse sentimento se ampliou. Apesar da Secretaria de Educação de Contagem ofertar formações voltadas para a temática, notei que a adesão era bastante limitada. Nos cursos de que participei, os rostos eram quase sempre os mesmos, formando um pequeno grupo comprometido com a pauta.

Nas escolas em que atuei, quando surgia alguma oportunidade de capacitação, poucos professores demonstravam interesse. Com frequência ouvi comentários como: "*Vai você, Jéssica, você que gosta de trabalhar isso*". Essas falas revelam não só apenas a resistência, mas também a equivocada percepção de que somente pessoas negras devem se responsabilizar pelo estudo e ensino das questões raciais.

Entretanto, a construção de uma educação antirracista é compromisso coletivo, que deve ser assumido por todos, sejam negros ou não.

Com base nisso, torna-se evidente que boa parte dos profissionais da educação ainda não possui formação específica sobre o tema, tampouco demonstra interesse em buscá-la. Essa negligência reforça as barreiras institucionais que impedem o cumprimento da Lei 11.645/08 e revela a urgência de investir em processos formativos continuados, sensíveis e comprometidos com a valorização da cultura afro-brasileira.

O próprio município de Contagem, no documento *A Política de Educação Infantil em Contagem* (2020), reconhece que a valorização da diversidade deve estar presente desde os primeiros anos escolares e que o Projeto Político-Pedagógico (PPP) precisa prever cuidados e estratégias para a implementação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. Como afirma o documento (2020, p. 20):

Prever no PPP o cuidado e as estratégias para implementação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 e o tratamento que será dado ao tema diversidade de qualquer natureza: de cor, nacionalidade, estrutura familiar, deficiência, entre outras, orientará cada profissional a lidar com situações de preconceitos que ocorrem dentro e fora da escola, não podendo ser desconhecidas.

A metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se nos princípios da pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa, centrada na escuta, na corporeidade e na valorização dos saberes ancestrais afro-brasileiros. Inspirada por uma perspectiva afroreferenciada, a proposta formativa não separa teoria e prática, mas busca integrá-las por meio de uma pedagogia que reconhece o corpo como território de memória, conhecimento e linguagem de transformação.

Na condição de educadora-pesquisadora, adotei uma postura de mediação horizontal, em que o conhecimento é construído de forma coletiva. As oficinas foram concebidas como vivências conduzidas pelo canto, pela escuta, pelo movimento e pela oralidade, estabelecendo caminhos pedagógicos que favorecem o letramento racial e a valorização da cultura afro-brasileira desde os primeiros anos da escolarização. A escuta de experiências, como a da educadora Áurea, evidenciou o impacto dessa abordagem, ancorada no cuidado, na ancestralidade e na criação de espaços em que todos possam se reconhecer e se expressar com liberdade.

A aplicação da dança afro-brasileira como prática pedagógica foi permeada pelos valores civilizatórios afro-brasileiros, conforme definidos por Trindade (2010), entre os quais se destacam a ludicidade, a oralidade, a ancestralidade, a memória e o cooperativismo. Esses princípios orientaram as ações formativas e dialogaram tanto com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quanto com os contextos locais nos quais a pesquisa foi desenvolvida. Cada oficina constituiu-se como um espaço de partilha, de reconstrução de pertencimentos e de fortalecimento das identidades negras, com especial atenção ao campo da Educação Infantil.

Mais do que aplicar técnicas ou ensinar coreografias, a proposta metodológica buscou, junto aos participantes, construir possibilidades de reinvenção a partir do corpo e da cultura afro-brasileira. A pesquisa se estabelece, assim, no movimento da ação-reflexão-ação, em que cada gesto, cada escuta e cada partilha reafirmam o potencial político e formativo da dança afro como linguagem de resistência e transformação. Trata-se de uma metodologia que nasce do corpo, atravessa a história e retorna a ele como caminho possível para uma educação sensível, antirracista e comprometida com a valorização da ancestralidade.

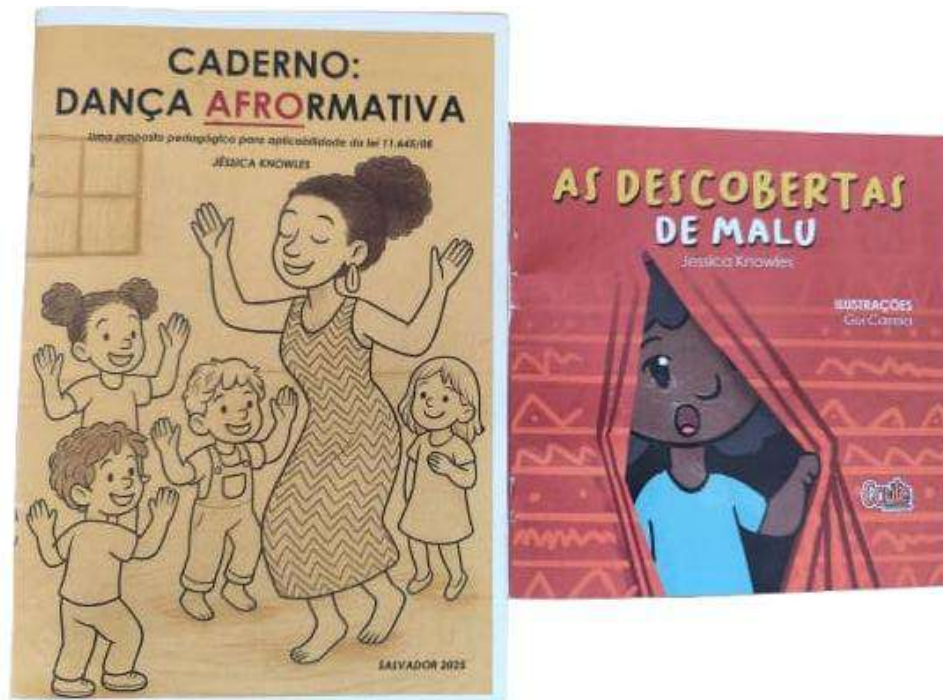
Como observa Fernando Ferraz:

Esses fazeres negros precisam ser entendidos em sua complexidade e vislumbrados em suas contradições. As práticas das danças negras conectam com sentidos de ancestralidade, pois são elaboradas a partir de saberes e fazeres da tradição, referenciais constantemente atualizados no tempo presente. Seus diversos usos do corpo refletem modos de vida incorporados coletivamente, filosofias e relações de respeito com os mestres. Os referenciais legados produzidos por artistas pioneiros são constantemente atualizados pela produção inventiva de jovens coreógrafos que instauram e atualizam políticas de resistência ao estabelecer links intergeracionais. Desta forma, a ancestralidade se realiza por práticas educacionais e sensíveis marcadas pela oralidade, fenômeno relacional e ético responsável por compartilhar os saberes e renovar as tradições (Ferraz, 2021, p. 3-4).

Essa leitura reforça os fundamentos que sustentam esta pesquisa, evidenciando que a ancestralidade se manifesta também como prática educativa, viva, relacional e em constante reinvenção.

5 ESPALHANDO SEMENTES

Figura 10 - Capa do Ebook Dança Afrormativa/ Capa do Livro As descobertas de Malu



Fonte: Gui Correia.

A pesquisa resultou na elaboração de um material didático em formato de e-book digital, intitulado *Caderno Dança Afrormativa: Uma proposta pedagógica para a aplicabilidade da Lei 11.645/08*. O caderno tem como fundamento as danças e musicalidades afro-brasileiras e se destina a educadores da Educação Básica, com o objetivo de apoiar o ensino das relações étnico-raciais e estimular a conexão com identidades afro-diaspóricas.

Como desdobramento da pesquisa, também foi produzido o livro infantil *As Descobertas de Malu*, concebido com o propósito de compartilhar saberes ancestrais e reafirmar a importância da dança afro-brasileira no ambiente educacional. A narrativa reflete como a arte, a música e o movimento são capazes de promover o sentimento de pertencimento e ampliar os horizontes das experiências escolares.

Inspirada nas vivências de muitas crianças negras, a história convida professores, estudantes e demais leitores a reconhecerem e valorizarem a cultura afro-brasileira,

contribuindo para a efetiva implementação da Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” no currículo escolar. Essa legislação foi posteriormente ampliada pela Lei 11.645/08, que incorporou também a obrigatoriedade do ensino da história e cultura dos povos indígenas.

O e-book foi elaborado com base nas oficinas práticas realizadas ao longo da pesquisa, vivências que possibilitaram experimentar e refletir, de forma situada, metodologias afrocentradas no ambiente escolar. Cada oficina contribuiu para a construção coletiva dos saberes apresentados, respeitando os tempos, os corpos e os contextos de cada território educativo.

Os planos de aula presentes no material foram organizados de forma detalhada, com orientações claras e acessíveis, buscando dialogar diretamente com os professores e suas realidades. Além disso, o e-book inclui um plano específico para trabalhar o livro *As Descobertas de Malu* em sala de aula, promovendo a integração entre literatura, corporeidade e ancestralidade.

Essa proposta reforça o caráter transversal dos conteúdos e oferece caminhos sensíveis e criativos para que os educadores abordem a Lei 11.645/08, favorecendo a conexão dos estudantes com suas raízes e fortalecendo o sentimento de pertencimento às culturas afro-brasileira e indígena.

6 CORPOS QUE ENSINARAM O MEU: HERANÇAS EM MOVIMENTO

Figura 11 - Apresentações Pessoais, Axé Music – 2007, Dança do Ventre – 2010 e Dança Afro – 2012



Fonte: Acervo Pessoal

A ancestralidade, nesta pesquisa, é compreendida não como algo distante no tempo, preso a um passado mítico e intocável, mas como uma presença viva que pulsa nas experiências cotidianas, nas memórias familiares, nos ensinamentos dos mestres e nas práticas culturais que atravessam nossos corpos.

Entendo a ancestralidade como algo que se atualiza na convivência, no gesto partilhado, no conselho recebido e no olhar que acolhe. Ela não está restrita aos livros de história ou aos antigos rituais. Manifesta-se, sobretudo, nos vínculos que cultivamos com aqueles que nos atravessam com suas singularidades e presenças.

Nesse sentido, reconheço que minha formação como mulher negra e educadora da dança foi profundamente moldada pelos encontros com mestres e mestras que me ensinaram muito além da técnica. Foram essas pessoas que me conduziram por caminhos de pertencimento, dignidade e reinvenção.

Ernane Ferreira foi o primeiro a me revelar que a dança pode ser morada. Paloma Rodrigues, ao me apresentar os fundamentos da dança do ventre, ofereceu-me o encantamento da escuta de si. Carlos Afro abriu passagem para que eu reconhecesse a estética negra como força política. E Evandro Passos, com generosidade e firmeza, ensinou-me a confiar no que brota da minha própria história. Cada um deles deixou em mim marcas que se tornaram direção.

A relação entre mestre e aprendiz é, para mim, uma expressão concreta da ancestralidade. Trata-se de um vínculo sustentado por confiança, continuidade e escuta. É nesse espaço de partilha que os saberes permanecem vivos e são constantemente atualizados. Como afirma Sandra Petit (2015), a ancestralidade refere-se a uma experiência que nos conecta a um tempo que não é linear, mas que pulsa no presente com o sopro de quem veio antes. É uma construção identitária que se realiza também na transmissão de gestos, afetos e valores.

Quando dançamos, atualizamos presenças. Cada passo ecoa vozes, lembranças e territórios. É nesse sentido que Leda Maria Martins (2021) nos convida a pensar o corpo como espaço de inscrição de memórias. A ancestralidade, então, se projeta na ação: ela se movimenta com o corpo, ressoa no canto, vibra no tambor e se reconhece no coletivo.

Ao refletir sobre minha trajetória com os mestres que me atravessaram, compreendo que a aprendizagem corporal afro-brasileira está impregnada por uma ética do cuidado e do afeto, que desafia modelos pedagógicos eurocentrados e hierarquizados. São relações que valorizam o tempo do processo, a escuta mútua e o respeito às histórias que cada sujeito carrega.

A presença desses mestres em minha formação é também uma das formas pelas quais compreendo a educação antirracista: como um projeto que se constrói no cotidiano, entre pessoas, no olho no olho, na partilha de referências e de caminhos. Eles me ensinaram que

dançar é também lembrar, curar e seguir. Por isso, esta pesquisa não caminha sozinha. Ela carrega outras vozes, outras mãos, outros corpos que comigo construíram saberes, mesmo quando não estavam em sala de aula.

Ao reconhecer meus mestres como parte do tecido ancestral que me constitui, reafirmo a importância de inscrever no espaço acadêmico essas memórias que dançam. Não como homenagem, mas como afirmação política e pedagógica de que a ancestralidade é viva, presente e transformadora.

7 ENCERRAR É TAMBÉM PLANTAR

Chego ao fim deste estudo com a certeza de que pesquiso o que vivo e vivo o que pesquiso. A dança afro-brasileira, mais do que uma linguagem artística, tornou-se para mim um caminho de escuta, transformação e partilha. Ao longo deste percurso, fui guiada pela força da ancestralidade e pelo compromisso ético com uma educação antirracista, que reconhece, nas infâncias negras, o direito de se verem refletidas nos saberes escolares, em suas histórias, corpos e memórias.

A proposta de formação docente construída neste trabalho tem como eixo a dança afro-brasileira, atravessada por valores civilizatórios como ancestralidade, oralidade, ludicidade e memória. Esses fundamentos orientaram as oficinas aplicadas, sempre em diálogo com os contextos locais, com as especificidades da Educação Infantil e com os marcos legais que regulam a Educação das Relações Étnico-Raciais. O conceito de Dança Afroformativa emergiu desse processo como síntese de uma prática pedagógica viva, que educa com o corpo, pelo corpo e para o coletivo.

A metodologia de pesquisa-ação, ancorada em uma escuta sensível, revelou o quanto ainda é urgente investir em formações contínuas que valorizem os saberes afro-brasileiros e mobilizem os educadores para além das datas comemorativas. A dificuldade de acesso às escolas, a baixa adesão às oficinas e a recorrente percepção de que apenas pessoas negras devem tratar dessas temáticas escancaram a necessidade de ações que envolvam toda a comunidade escolar, incluindo tanto pessoas negras quanto não negras, em um compromisso coletivo com a equidade.

A corporalidade de mestres como Ernane Ferreira, Paloma Rodrigues, Carlos Afro e Evandro Passos foi fundamental para minha formação ética e estética. Cada um deles, à sua maneira, plantou sementes em minha trajetória, reafirmando que o legado das tradições também habita e constitui o presente.

Esta pesquisa não se encerra aqui. Ela reverbera em cada criança que dança com alegria, em cada educador que se permite desaprender para reaprender com os tambores, em cada escola que acolhe a diversidade como princípio e não como exceção. Sigo dançando, plantando e espalhando sementes. Ela se projeta em novas possibilidades de atuação junto às escolas, às formações de professores e aos territórios que ainda resistem à implementação plena das leis que asseguram o direito à educação das relações étnico-raciais. Os materiais produzidos, como o e-book *Caderno Dança Afrormativa* e o livro infantil *As Descobertas de Malu*, são sementes lançadas nesse caminho e continuarão a germinar em práticas pedagógicas que reconhecem a cultura afro-brasileira e indígena como potência formativa.

A Dança Afrormativa, aqui proposta, reafirma o corpo como lugar de memória e reinvenção, como linguagem que atravessa e transforma. E é na infância — tempo de imaginação, de raízes lançadas e de futuros possíveis — que ela pode florescer com mais liberdade. Ao olhar para cada criança negra como sujeito pleno de cultura, de história e de beleza, esta pesquisa propõe não apenas uma metodologia, mas um gesto político de cuidado, de escuta e de reparação.

Que sigamos, então, quebrando cabaças e espalhando sementes!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**: Feminismos Plurais. Pólen Livros, 2019
- ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.
- BASCOM, William. **The Yoruba of Southwestern Nigeria**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1969.
- BERTOLINO, Junia. **Performance, Ancestralidade e Ritualidade**: Corporeidades negras da Cia Baobá Minas. Mazza Edições, Belo Horizonte, 2025, p.121
- BRASIL. **Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 20 fev. 2025.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 20 fev. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escolaemtempointegral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.
- CÉSAIRE, Aimé. **Escravidão mental**: Colonização das perspectivas cognitivas dos colonizados. Paris: Présence Africaine, 1978.
- CHEVALLIER, Jean; GEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 27ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016
- CONTAGEM (Município). **A política de Educação Infantil em Contagem**. Contagem: Prefeitura Municipal, 2020. Disponível em: <https://www.contagem.mg.gov.br/arquivos/documentos>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- FERRAZ, Fernando. **Danças Negras**: historiografias e memórias de futuro. Disponível em: https://www2.sesc.com.br/wps/wcm/connect/7deb697e-9ee1-445c-a419-90d150ca0d22/Dan%C3%A7as+negras.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=url&CACHEID=7deb697e-9ee1-445c-a419-90d150ca0d22. Acesso em: 03 jun. 2025.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Sandra Regina G. de Souza. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LIMA, Rodolfo. Danças negras como epistemologias: a corporeidade como saber. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ**, Rio de Janeiro, n. 25, 2016.

MARTINS, Leda Maria. **Memória do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. São Paulo: Perspectiva, 2021.

MARTINS, Leda. **Afrografia da Memória**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997

MBEMBE, Achille. **Alterocídeo**: Conhecer o outro e desqualificar pelo que é. Lisboa: Edições 70, 2018.

PETIT, Sandra. **Pretagogia**: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores - Contribuições do legado africano para a implementação da Lei n.10.639/03. Fortaleza: EdUECE, n. 1, 2015.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um Educador antirracista**. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

QUEIROZ, Clécia Maria Aquino de. **Aprendendo a ler com minhas camaradas**: seres, cenas, cenários e difusão do samba de roda através das sambadeiras do Recôncavo Baiano. 388 f. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30468>. Acesso em: 27 jun. 2024.

RANGEL, Lenira Peral *et al.* **Arte/dança como tecnologia educacional I**. Salvador, BA: UFBA, Faculdade de Ciências Contábeis, Superintendência de Educação Distância, 2018. 84 p. ISBN 9788582921760 (broch.).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemicídio**: Desqualificação e destruição das formas autônomas de produção de conhecimento. Coimbra: CES, 2002

SANTOS, Everton Bispo dos. **A dança do pagode baiano na escola**: o corpo negro periférico e sua intersecção nesses contextos. 119 f. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36300>. Acesso em: 06 mar. 2025.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade**: uma proposta pedagógica a partir da experiência com a dança afro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2007.

SODRÉ, Muniz. **A Sociedade Incivil**: Midia, cultura e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.47

TRINDADE, Azoilda Loretto, **Caderno a cor da cultura**: Modos de brincar, caderno de saberes, fazeres e atividades. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

XAVIER, Evandro Passos. A Dança Negra de Mercedes Baptista e o gesto cênico. **Pitágoras 500**, Campinas, Departamento de Artes Cênicas da Unicamp, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8659011>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CADERNO: DANÇA AFROFORMATIVA

Uma proposta pedagógica para aplicabilidade da lei 11.645/08

JÉSSICA KNOWLES



SALVADOR 2025



APRESENTAÇÃO


Me chamo Jéssica Márcia Rodrigues Generoso, artisticamente conhecida como Jéssica Knowles. Sou uma mulher preta, nascida na periferia de Contagem, filha de Maria Helena, educadora, pesquisadora, dançarina, coreógrafa, empreendedora e autora desta proposta. Cresci em meio às danças de rua do meu bairro, dançando samba nas festas de família, participando de festas populares e atuando na comunidade. Desde cedo, a arte e a educação caminharam juntas em minha trajetória. Meu corpo aprendeu a dançar antes mesmo de compreender teorias, e foi justamente a dança que me conduziu aos espaços de formação e militância.


Em 2016, iniciei como oficinaira em um projeto de cursos de férias para educadores populares, ministrando oficinas de dança afro-brasileira. Esse projeto continua acontecendo anualmente, durante o período de férias escolares, e, em 2023, completei sete anos de atuação. Os cursos são desenvolvidos para que os educadores possam replicar os aprendizados em seus ambientes de trabalho, a partir dessas vivências.

Foi nesse corpo, atravessado por experiências e memórias, que fui compreendendo o quanto a dança poderia ser também política e educativa. Essas vivências me fizeram refletir sobre as inúmeras possibilidades de conexão da dança afro-brasileira com outros componentes curriculares, permitindo uma abordagem multidisciplinar no ensino. A partir disso, nasceu em mim o desejo de aprofundar esse tema.

É com esse percurso que apresento “Dança Afrormativa: uma proposta pedagógica para aplicabilidade da Lei 11.645/08”, título que denomina este caderno, desenvolvido a partir da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança (PRODAN), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Este material é direcionado, prioritariamente, a professores da Educação Básica, especialmente da Educação Infantil, podendo também servir como apoio a docentes da área da Dança.

Dança Afrormativa é um referencial pedagógico que, por meio de danças afrorreferenciadas, oferece aos educadores possibilidades concretas de aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 — legislações que alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) para incluir o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena em toda a Educação Básica. Mais do que propor atividades, esta proposta convida à reflexão sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), ancorando-se na valorização das expressões corporais afro-diaspóricas como práticas de conhecimento, afirmação identitária e resistência.






No cenário atual da educação, ainda é comum encontrarmos modelos de ensino que priorizam a imobilidade, o silêncio e a padronização dos corpos – práticas muitas vezes colonizadas e colonizadoras. Este caderno propõe um deslocamento. Convida você, professor ou professora, a se perguntar: Você acredita nesse modo de ensino? Que outras formas de aprender e ensinar podem emergir quando colocamos o corpo, a dança e a ancestralidade no centro do processo educativo?

Mais do que uma produção acadêmica, este caderno é um gesto político e afetivo. É a continuidade de uma história que não começou em mim, mas passa por mim. Decidi escrevê-lo porque sei, por experiência própria, o que é estar em uma sala de aula procurando caminhos possíveis para dialogar com as infâncias negras, com os saberes dos territórios, com a urgência de uma educação que respeite e valorize todas as histórias. Porque já senti falta de materiais que acolhessem e afirmassem o corpo, o movimento no ensino pedagógico e a cultura afro-brasileira como central – e não periférica – nos processos educativos. Este caderno nasce desse desejo: contribuir para que outros educadores não estejam sozinhos na tarefa de construir uma educação antirracista.

Este material didático apresenta sugestões lúdico-metodológicas para o processo educativo, destacando a importância do corpo em movimento como meio de expressão, difusor de saberes e, consequentemente, um possível colaborador no ensino da cultura afro-brasileira. Está fundamentado nos valores afro-civilizatórios de Azoilda Loretto (2010); nos campos de experiências e direitos de aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular (BNCC); na concepção do corpo como projetor de memórias, segundo Leda Maria Martins (2021); e na abordagem centrada nos saberes, experiências e existências negras, a partir do conceito de Pretagogia, de Sandra Petit (2015).





ÍNDICE

1. A IMPORTÂNCIA DA DANÇA AFROREFERENCIADA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

2. CONVERSA ENTRE OS VALORES AFRO-CIVILIZATÓRIOS E A BNCC

3. LEGISLAÇÃO

4. PROPOSTA METODOLÓGICA

- FUNDAMENTAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E POLÍTICA
- PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS
- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
- ENCAMINHAMENTOS

5. PLANOS DE AULA

- CAMINHO
- MEMÓRIA
- COSTURA
- CANTIGAS
- CANTIGA TANTA LARANJA
- CANTIGA PENEIREI FUBÁ
- CANTIGA TÁ CAINDO FULÔ

6. REFLEXÃO DOCENTE

7. DANÇAMOS ATÉ AQUI E AGORA?

8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

9. QR CODE



A IMPORTÂNCIA DA DANÇA AFRRREFERENCIADA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A inserção da dança afrorreferenciada na Educação Infantil configura-se como uma metodologia pedagógica que promove o debate sobre a influência dos povos africanos na cultura brasileira. Ao ser aplicada nas escolas, essa abordagem possibilita um ensino que aproxime os estudantes da história da construção do país.

A cultura negra é dinâmica e se expressa por meio do corpo, como destaca Luciane Ramos (2016), ao afirmar que o conhecimento e a consciência se expandem através do movimento. O corpo carrega memórias e saberes culturais que precisam ser validados e incorporados ao processo educativo, proporcionando uma aprendizagem significativa para a criança.

No campo da prática pedagógica, a dança afrorreferenciada estimula a construção de metodologias de ensino baseadas na oralidade, na musicalidade, circularidade e nos ritmos africanos e afro-diaspóricos. Como aponta Evandro Passos (2022), com base em entrevistas com bailarinos, a experiência corporal proporcionada pela dança afro-brasileira contribui significativamente para a formação identitária e cultural do indivíduo.

A pedagoga Sandra Petit (2015), em sua obra *Pretagogia*, enfatiza a necessidade de uma educação afrorreferenciada, que reconheça a oralidade, os valores culturais africanos e a corporeidade como dimensões fundamentais na construção do conhecimento. Essa perspectiva dialoga diretamente com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI), que reconhecem a criança como sujeito histórico e produtor de cultura.

A proposta deste trabalho está fundamentada na Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) com foco no eixo 2 de implementação Política de formação para professores e demais profissionais – que prioriza a capacitação docente para o enfrentamento qualificado das temáticas étnico-raciais. Também se alinha à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) especialmente aos seis direitos de aprendizagem da Educação Infantil: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Ao inserir a dança afrorreferenciada nas práticas pedagógicas, promove-se uma educação que fortalece a identidade das crianças e amplia o conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira.





CONVERSA ENTRE OS VALORES AFRO-CIVILIZATÓRIOS E A BNCC

Gostaria de começar nossa conversa sobre os valores afro-civilizatórios e sua presença na Educação Infantil com algumas perguntas: De qual forma a Dança afrorreferenciada enquanto linguagem e metodologia de ensino, pode contribuir para o fortalecimento da identidade racial – individual e coletiva – das crianças? Quais são as possibilidades de difusão de saberes por meio da dança no espaço escolar? Talvez você já tenha se feito essas perguntas ao longo da leitura – e elas são fundamentais. A partir das metodologias apresentadas neste caderno, será possível refletir sobre como essas práticas podem contribuir, na Educação Infantil, para a efetiva implementação da Lei 10.639/03 e potencializar o indivíduo para o desenvolvimento do autoconhecimento, da valorização da história e da memória ancestral desde os primeiros anos da vida escolar.

Azoilda Loretto (1957-2015) professora e pesquisadora, desenvolveu princípios fundamentais para a prática da Educação para as Relações Étnico-Raciais. Suas contribuições teóricas e metodológicas visam à construção de um ambiente educativo antirracista que reconheça e acolha as individualidades, características e culturas das crianças negras.

Ela foi responsável por sistematizar a metodologia conhecida como “Valores civilizatórios afro-brasileiros” que contempla os seguintes princípios: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade, energia vital e ludicidade. Esses valores oferecem subsídios potentes para a atuação de educadores comprometidos com uma educação antirracista. No presente caderno, eles fundamentam e atravessam as metodologias pedagógicas propostas em cada uma das sugestões de atividades.

Os seis direitos de aprendizagem da Educação infantil previstos na Base Nacional Comum Curricular a BNCC, reforçam o reconhecimento dessa etapa como fundamental na construção da identidade das crianças. São eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Esses direitos visam estimular a convivência entre as crianças, possibilitar o contato com outras culturas e com o ambiente ao seu redor, bem como abrir espaços para que possam se expressar livremente e desenvolver sua identidade.

Eles também orientam e atravessam as metodologias propostas neste caderno, servindo como princípios norteadores das práticas pedagógicas aqui apresentadas.

Ao dialogarmos com os Valores civilizatórios e os Direitos de aprendizagem, percebemos que ambos propõem formas coletivas de aprender e ensinar e se complementam de maneira significativa. A ludicidade se conecta com o brincar, a circularidade, com o conviver, a corporeidade e oralidade com o conhecer-se – entre outras inúmeras conexões possíveis utilizando esses dois conceitos.

Esses conceitos respondem às questões sobre possibilidades da difusão de saberes por meio da dança na escola, revelando como a metodologia afrorreferenciada pode contribuir para o reconhecimento identitário das crianças, tanto individual quanto coletivamente.





LEGISLAÇÃO

LEI 10.639/03

“Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.”

LEI 11.645/08

“Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.”





PROPOSTA METODOLÓGICA

A proposta pedagógica que apresento neste caderno nasce da minha vivência como educadora, artista e pesquisadora comprometida com uma educação antirracista, sensível e centrada no corpo. A Dança Afirmativa é um referencial metodológico que desenvolvi ao longo dos anos, em diálogo com experiências práticas e referenciais teóricos que me atravessaram e me ensinaram que o corpo em movimento é também um corpo que aprende, ensina, resiste e transforma.

Por meio da dança afroreferenciada, ofereço aqui possibilidades reais de aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 no contexto da Educação Infantil, a partir de uma abordagem que valoriza os saberes afro-diaspóricos, a ludicidade, a musicalidade e a ancestralidade como eixos estruturantes do processo de ensino-aprendizagem.

Organizo esta proposta metodológica a partir de três eixos articulados:

1. Fundamentação Epistemológica e Política

A minha prática se sustenta em fundamentos teóricos que reconhecem a importância de um ensino que valorize a corporeidade e os saberes das culturas afro-brasileiras. Apoio-me em autoras e autores como Azoil-da Loretto, Sandra Petit, Leda Maria Martins, Luciane Ramos e Evandro Passos, cujas obras me ajudaram a compreender o corpo como território de memórias, ancestralidade e criação de conhecimento. A dança, neste contexto, se torna uma linguagem potente de afirmação identitária e de construção de um currículo comprometido com as Relações Étnico-Raciais.

2. Princípios Pedagógicos

A metodologia que proponho dialoga diretamente com os seguintes princípios:

Valores civilizatórios afro-brasileiros (Loretto, 2010): como circularidade, oralidade, musicalidade, corporeidade, ludicidade, ancestralidade e espiritualidade, que atravessam todas as propostas deste caderno;

Pretagogia (Petit, 2015): que inspira uma prática pedagógica baseada na escuta, no pertencimento, nos saberes originados na experiência negra e na valorização da memória coletiva;

Direitos de aprendizagem da BNCC: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, considerados como fundamentos da aprendizagem integral;

Campos de experiência da BNCC: presentes em cada plano de aula, garantindo o diálogo com os marcos legais da Educação Infantil e a intencionalidade pedagógica.





3. Práticas Pedagógicas

As atividades que apresento neste caderno – como Caminho, Memória e Costura – foram pensadas a partir da minha escuta atenta às crianças, da observação sensível do cotidiano escolar e do desejo de integrar o corpo, a música e a cultura afro-brasileira em experiências significativas. Cada plano de aula traz objetivos, descrições detalhadas e possibilidades de mediação, estimulando o docente a adaptar as práticas ao seu contexto.

Incluo ainda cantigas afro-brasileiras com propostas de movimento, como formas de ampliar o repertório cultural das crianças, valorizar a oralidade e a tradição, e promover um ambiente de aprendizagem acolhedor, criativo e antirracista.

4. Encaminhamentos

A metodologia da Dança Aformativa não é um modelo fechado. Ela convida você, educadora ou educador, a experimentar, ressignificar e reinventar, respeitando sua realidade, suas infâncias e seu território. Compartilho aqui um caminho que venho trilhando e que espero que inspire novas possibilidades.





PLANOS DE AULA

Os planos de aula aqui apresentados constituem princípios pedagógicos com base na obra *Pretagogia* de Sandra Petit (2015). A obra propõe uma pedagogia que não apenas reconhece a centralidade das tradições africanas, mas também as atualiza, estabelecendo diálogos com as culturas afro-brasileiras e afrodiaspóricas como estratégias de resistência e recriação.

Petit trabalha com conceitos operatórios fundamentais que foram essenciais na pesquisa, como: ancestralidade e processos iniciáticos (valorização das vivências e experiências que moldam a subjetividade); pertencimento (sentimento de integração às raízes culturais e sociais); espiritualidade (conexão entre corpo, mente e mundo transcendental); e transversalidade (articulação desses elementos em diferentes contextos). Esses conceitos não apenas orientaram a proposta, mas encontram na dança afro-brasileira uma materialidade consistente e metodologicamente relevante.

Agora, convido você a conhecer as propostas que elaborei com base nesses fundamentos, os planos de aula desenvolvidos durante a pesquisa, com sugestões práticas que dialogam com o cotidiano escolar e reafirmam a potência da dança e musicalidade afrorreferenciada. Que estas ideias possam inspirar novas vivências pedagógicas.

1 CAMINHO

Dinâmica do nome

Faixa etária: Educação Infantil (crianças de 4 a 5 anos)

Duração: 15 a 20 minutos

Objetivos da atividade: Promover a socialização entre as crianças, favorecer a escuta, estimular a relação entre identidade e corpo, estimular a memória e o respeito a expressão.

Campos de experiência da BNCC:

- O eu, o outro e o nós;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Escuta fala, pensamento e imaginação

Habilidades da BNCC:

- (EI03E001) Demonstrar atitudes de cuidado e solidariedade na interação com crianças e adultos.





- (EI03CG01) Demonstrar controle progressivo do corpo em atividades que envolvam deslocamentos, equilíbrio e coordenação.
- (EI03EF02) Reconhecer e valorizar características pessoais e dos colegas, como o nome, gostos e aparência.

Como fazer?

Forme um círculo com todas as crianças, de pé ou sentados, onde todos possam se ver.

Explique a atividade com linguagem simples: “Vamos brincar de dizer o nosso nome com o corpo! Cada um vai falar o seu nome e fazer um movimento! Pode ser um pulo, um giro, palmas, gestos com as mãos ou os pés, uma pose, balançar a cabeça, o que quiser! Depois todos juntos vamos repetir o nome e o movimento.”

Comece: A primeira criança (ou a pessoa que estiver conduzindo) diz o próprio nome e faz um movimento; o grupo inteiro repete o nome e o movimento juntos.

A próxima criança (à direita ou esquerda) repete o nome e o movimento da pessoa anterior; em seguida, diz o próprio nome e faz um novo movimento; O grupo, então, repete os dois nomes e os dois movimentos.

E assim por diante, até que todos participem:

Cada nova criança repete os nomes e movimentos de todos os colegas anteriores, na ordem, e acrescenta o seu no final. No fim a turma refaz a sequência completa, com todos os nomes e movimentos.

Dicas:

- Dê exemplos simples de movimentos para inspirar as crianças.
- Estimule a criatividade e o respeito pelas escolhas de cada colega.
- Valorize cada participação com entusiasmo e acolhimento.
- Reforce que não existe movimento certo ou errado – o importante é se expressar.
- Utilize músicas suaves ou batidas leves para marcar o ritmo, se desejar.





2 MEMÓRIA

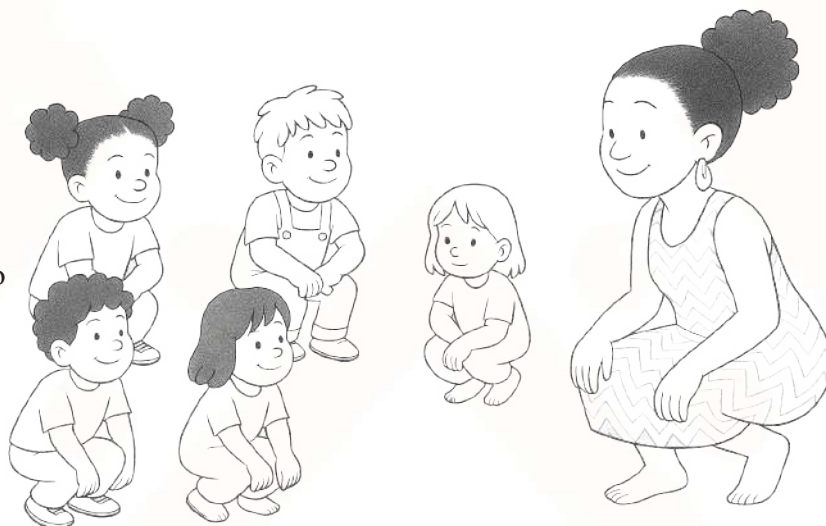
Faixa etária: Educação Infantil (4 a 5 anos)

Duração: 30 a 40 minutos

Objetivos da atividade: Estimular a escuta, a memória afetiva, a expressão corporal e a valorização das histórias pessoais e familiares, desenvolvendo o sentimento de pertencimento e identidade.

Campos de experiência da BNCC:

- O eu, o outro e o nós
- Corpo, gestos e movimentos
- Escuta, fala, pensamento e imaginação
- Traços, sons, cores e formas



Habilidades da BNCC:

- (EI03EO01) Demonstrar atitudes de cuidado, solidariedade e ajuda mútua na interação com crianças e adultos.
- (EI03EF02) Reconhecer e valorizar características pessoais e dos colegas, como o nome, gostos, cultura e aparência.
- (EI03CG01) Demonstrar controle progressivo do corpo em atividades que envolvam deslocamentos, gestos e expressões corporais.

Como fazer?

1. Inicie a atividade convidando as crianças para sentarem-se em círculo e explica a proposta e em linguagem simples, para que todas compreendam com facilidade. Aqui está uma sugestão para a condução:

“Hoje vamos lembrar de um momento muito feliz que vivemos! Pode ser com sua família, com amigos ou aqui na escola. Cada um vai contar uma lembrança boa, algo que gostou muito de viver.” Cada criança compartilha oralmente sua lembrança.





2. Após a roda de conversa, oriente:

“Vamos nos levantar e continuar no círculo. Aquela lembrança que vocês contaram, agora vai virar um movimento! Pode ser um gesto que você ou alguém fez nesse dia feliz: correr, pular, dançar, nadar, brincar de roda... o que você lembrar desse momento!

Cada criança faz um movimento e o grupo pode repetir junto, se desejar.

3. Ao final, todos se sentam novamente, e você finaliza com uma reflexão, como:

“Cada lembrança que temos é um pedacinho da nossa história. Quando a gente lembra e compartilha, a gente cuida da nossa memória, da nossa família e da nossa cultura. Tudo isso faz parte de quem a gente é!”

Dicas:

- Acolha cada fala com carinho e atenção, valorizando a escuta sensível.
- Ajude as crianças que tiverem dificuldade de lembrar ou se expressar
- Auxilie as crianças na criação dos movimentos. Participe junto, construindo com elas! Por exemplo: se uma criança disser que sua lembrança feliz foi ir ao clube com a família, você pode perguntar:: “O que a gente faz quando vai ao clube? Como é o movimento de nadar?” Utilize perguntas simples que estimulem a criança a lembrar e representar a ação com o corpo. Faça essa mesma mediação com cada criança, considerando a memória que ela compartilhou.
- Utilize músicas das sugestões disponíveis no link indicado ao final do e-book, para criar uma ambientação sensível e acolhedora.

3 COSTURA

Faixa etária: 4 a 5 anos

Duração: 2 momentos de 30 a 40 minutos cada

Objetivos da atividade:

- Desenvolver a escuta sensível e a expressão das emoções e imaginação a partir de uma história. Estimular a consciência corporal e o ritmo por meio da dança e da música.
- Reconhecer a diversidade e valorizar a identidade negra e a cultura afro-brasileira.
- Refletir sobre o pertencimento e o conceito de Ubuntu: “Eu sou porque nós somos”.





Trecho: “Me enrolei, pois a linha era muito comprida” / “Como é que eu vou fazer para desenrolar?”

- As crianças colocam os braços na frente do corpo e fazem o gesto de enrolar a linha, girando um braço sobre o outro como se estivessem enrolando um novelo. Depois, fazem o movimento oposto: desenrolando, girando no sentido contrário.

Trecho: “Se na linha do céu sou estrela”

- As crianças levantam os braços esticados para cima, fazendo pequenos movimentos com os dedos, como se estivessem piscando ou brilhando. Podem olhar para cima, imitando uma estrela no céu.

Trecho: “Na linha da terra sou Rei”

- As crianças colocam as mãos na cabeça, como se estivessem colocando uma coroa imaginária.

Trecho: “Mas na linha das águas sou triste, pelos mares que eu não naveguei”

- As crianças fazem movimentos ondulados, como se fossem ondas do mar, o corpo pode balançar de um lado para o outro, com os braços acompanhando.
- As crianças podem dançar em círculo, em filas ou caminhando pelo espaço fazendo os movimentos juntas, como se fosse uma grande costura.

3. Encerramento:

- Mostre a imagem de Sérgio Pererê e conta que ele é um artista negro de Belo Horizonte. Pode aproveitar o momento e apresentar outros artistas negros e negras, com músicas, fotos, vídeos e pequenas histórias, promovendo a valorização da cultura negra e reforçando a representatividade para as crianças negras.

Dicas:

- Valorize as falas das crianças com escuta atenta.
- Respeite o tempo e os modos de expressão de cada uma.





- Utilize músicas e vídeos das sugestões que estão link ao final do ebook.
- Acesse o livro no link ao final do ebook.

4. CANTIGAS DE RODA AFRO-BRASILEIRAS

As cantigas são propostas pedagógicas significativas para trabalhar movimento, escuta, identidade e convivência, de forma lúdica e afroreferenciada. Apresento agora um plano de aula com três cantigas de domínio público, cada proposta traz sugestões de como realizar as atividades com as crianças na escola.

Faixa etária:

4 a 5 anos (pré-escola)

Duração:

40 a 50 minutos

Objetivos da atividade: Estimular a coordenação motora ampla por meio do movimento e da dança; promover a escuta, a interação e o respeito entre as crianças; valorizar o nome próprio como parte da identidade.

Campos de experiência da BNCC:

- O eu, o outro e o nós
- Corpo, gestos e movimentos
- Escuta, fala, pensamento e imaginação
- Traços, sons, cores e formas

Habilidades da BNCC relacionada:

- (EI03CG01) Manifestar interesse e respeito pelo outro e pelos sentimentos de crianças e adultos.
- (EI03EF06) Realizar movimentos de locomoção, como caminhar e correr, com controle e coordenação.
- (EI03TS01) Demonstrar atitudes de cuidado, solidariedade e ajuda ao outro.
- (EI03EO02) Identificar características pessoais, como nome, aparência, sexo, preferências, entre outras.





Cantiga Laranja Madura (domínio público)

Tanta laranja madura ô menina

Que cor são elas?

Elas são verde e amarela

Vira de costas (nome da criança) Da cor de canela



Coreografia:

Em círculo, todos caminham girando no sentido horário batendo palmas, ou fazendo o movimento com os braços esticados para o centro do círculo e para cima, esses dois movimentos com os braços são alternados no ritmo da música. Quando o nome de uma criança é chamado, essa criança se vira de costas e continua a movimentação. A música encerra quando todas as crianças estiverem de costas.

Cantiga: Peneirei Fubá (domínio público)

Peneirei fubá, fubá caiu

Eu tornei a peneirar, fubá subiu

Ai ai ai, foi ela que me deixou

Ai ai ai, porque não me tem amor



Coreografia:

Pode ser feita em círculo ou com as crianças intercalados. Realizar o movimento de peneirar com as duas mãos (como se houvesse mesmo uma peneira). Durante “peneirei fubá”, o movimento vai para baixo e depois para cima ao comando da música. Em “ai ai ai”, fazer um giro completo, mantendo o movimento de peneirar para cima.

Dica: Confeccionar junto as crianças uma “peneira” artesanal com fitas coloridas e prato de papel ou plástico; levar uma peneira e o fubá para que as crianças conheçam os elementos da música.

Cantiga: Tá Caindo Fulô

Tá caindo fulô, tá caindo fulô





Lá no céu, cá na terra

Ê tá caindo fulô

Coreografia:

Com os braços erguidos, fazer movimentos das mãos para cima e para baixo, como se imitassem flores caindo, acompanhando o ritmo da música. A organização pode ser feita de acordo com a condução da professora, em círculo, intercalados ou em filas.

Dicas:

A professora pode fazer junto com as crianças pompons com fitas de papel crepom, para que usem na movimentação com as mãos.





SEÇÃO DE REFLEXÃO DOCENTE

Sabemos que incluir a dança afrorreferenciada no cotidiano escolar pode ser desafiador – seja pela falta de formação específica, pela ausência de materiais ou pela resistência de algumas instituições. Pensando nisso, compartilho abaixo algumas perguntas norteadoras, seguidas de reflexões que podem ajudar você, professora ou professor, a reconhecer as potências dessa linguagem no contexto da Educação Básica.

1. DE QUE MANEIRA A DANÇA AFROREFERENCIADA PODE SER UMA POSSIBILIDADE NA APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03?

A dança afrorreferenciada é uma linguagem viva que carrega a história, espiritualidade e resistência dos povos africanos e afro-brasileiros. Ao trazê-la para a sala de aula, não estamos apenas ensinando movimentos, mas ativando memórias, ressignificando corpos e aplicando na prática o que a Lei 10.639/03 propõe: um ensino que valoriza e reconhece as contribuições dos povos africanos na formação da nossa sociedade. É uma forma potente de romper com o currículo eurocentrado e criar espaços de pertencimento.

2. COMO A DANÇA AFROREFERENCIADA PODE ESTIMULAR O RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE RACIAL DAS CRIANÇAS E A VALORIZAÇÃO DE SUAS CULTURAS E MEMÓRIAS ANCESTRAIS?

A dança afrorreferenciada permite que as crianças negras se vejam representadas de forma positiva. Quando elas se reconhecem nos ritmos, nos gestos e nas histórias dançadas desperta o sentimento de pertencimento. É um caminho de autoestima e fortalecimento da identidade racial. É uma oportunidade de ampliar o repertório cultural e respeitar a diversidade, construindo relações menos atravessadas pelo racismo.

3. QUAL O PAPEL DA MUSICALIDADE E DOS RITMOS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS NA CONSTRUÇÃO DO ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA?

A musicalidade e a dança sempre andam juntas. Os ritmos africanos e afro-brasileiros trazem em si saberes, cosmovisões e modos de viver. Ao utilizá-los como base para atividades pedagógicas, você professora e professor, conseguem acessar o conteúdo da lei de forma sensorial, afetiva e coletiva. Cada toque de tambor pode ser uma aula sobre resistência, território ou festa. É ensinar história com o corpo inteiro.

4. QUAIS SÃO OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA DIFUNDIR O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DA DANÇA NA ESCOLA?

Um dos principais desafios é o racismo estrutural que ainda marginaliza as expressões negras no currículo escolar. Além disso, a falta de formação continuada e de materiais pedagógicos adequados pode dificultar esse processo. Mas há muitas possibilidades: oficinas e cursos de formação, uso de músicas e danças em projetos interdisciplinares. A dança abre caminhos, conecta saberes e pode ser uma grande aliada para transformar a escola em um espaço verdadeiramente antirracista!





DANÇAMOS ATÉ AQUI, E AGORA?

Chegamos ao fim deste caderno, mas não ao fim da caminhada. Ao longo dessas páginas, compartilhamos reflexões, histórias, práticas e possibilidades. O que te entrego aqui não é uma fórmula, mas um convite: que possamos seguir tecendo, com o corpo e com a escuta, um caminho de educação que respeite as memórias ancestrais, celebre a diversidade e transforme a escola em um território de pertencimento.

Se você chegou até aqui, é porque carrega dentro de si a inquietação necessária para mover a educação rumo a um horizonte diferente. Espero que este material tenha lhe oferecido inspiração, coragem e repertório. Que cada plano de aula, cada cantiga, cada gesto aqui descrito possa se tornar semente nos seus contextos, germinando saberes e fortalecendo vínculos com as crianças e com suas histórias.

A Dança Aformativa é mais que uma proposta metodológica: é uma escolha ética e política por uma pedagogia que reconhece o corpo como fonte de conhecimento. Ao dançar com as crianças, você estará também recontando histórias silenciadas, reconstruindo narrativas e fortalecendo a autoestima de cada pequeno ser que passa por suas mãos.

Mas e agora, como seguir? Você que é educadora ou educador do Ensino Fundamental, Médio ou EJA, este material também é seu: ele pode ser adaptado para outros ciclos da Educação Básica. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por exemplo, as cantigas podem se desdobrar em rodas de conversa, pesquisas sobre a origem das músicas, autores (se houver), participação na criação de coreografias ou realização de estudos interdisciplinares envolvendo geografia, história, arte, ciências e outras disciplinas. Nos anos finais, a Dança Aformativa pode dialogar com temas como corporeidade, identidade, racismo estrutural, cultura popular e protagonismo da juventude. Pode-se sugerir que os jovens escolham ou levem a música que desejam trabalhar e sigam o exemplo de algumas das propostas aqui apresentadas.

Os desdobramentos são muitos: é possível transformar cada plano de aula em sequência didática; promover mostras culturais, convidar as famílias para encontros com círculos de memória; chamar artistas locais para enriquecer as vivências com saberes da comunidade; criar diários de corpo com as crianças, registrando – com desenhos, pinturas, colagens, palavras ou movimentos – como se sentiram ao dançar.

Para registrar e avaliar as práticas, proponho que o foco esteja na experiência vivida. Como as crianças se envolveram? O que expressaram com os corpos, com os gestos e com os olhos? Quais perguntas surgiram? Você pode usar registros escritos, fotografias, vídeos, portfólios e, sobretudo, a escuta atenta. Avaliar é o cuidado, a observação, o acolhimento, ser sensível ao processo de cada criança, pois cada uma é única – e seu processo também.

Obrigada por caminhar comigo até aqui. Que você siga ensinando com os pés na terra, com o coração aberto e com o corpo desperto! E que, ao colocar este caderno em prática, ele também se transforme – como a dança – em algo vivo, que se reinventa a cada novo passo.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 20 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394/96, de 20 de novembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 20 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/111645.htm?msckid=0c0d30. Acesso em: 20 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal.pdf. Acesso em: 20 fev. 2025.

LORETTO, Azoilda, Caderno a cor da cultura, Modos de brincar, caderno de saberes, fazeres e atividades, Fundação Roberto Marinho, Rio de Janeiro 2010

MARTINS, Leda Maria. Memória do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. São Paulo: Perspectiva, 2021.

PASSOS, Evandro: Dança Afro-Brasileira: Identidade e Ressignificação Negra, Mazza Edições, 2022

PETIT, Sandra. Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Pral Africana na Formação de Professoras e Professores. Fortaleza, n. 1, 2015

LINK COMPARTILHADO

https://drive.google.com/drive/folders/16GyZ1Os1ZUS_Ck92JG9Njhl14mZf6eQN





LINK DANÇA AFRORMATIVA

FICHA TÉCNICA

Texto: Jéssica Márcia Rodrigues Generoso (Jéssica Knowles)

Diagramação: Gui Correia

Orientadora: Clécia Maria Aquino de Queiroz

Realização: Mestrado Profissional em Dança





CADERNETA AFROINFORMATIVA

JÉSSICA KNOWLES



ÍNDICE

INTRODUÇÃO
CONCEITOS
ARTISTAS- BIOGRAFIA



INTRODUÇÃO

Nesta caderneta, reuni definições de conceitos que aparecem nos textos dos livros, para facilitar a compreensão e aprofundar o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira. Além disso, apresento biografias de artistas de Belo Horizonte que se dedicam a preservação e difusão das riquezas culturais afro-brasileiras na cidade. Este material visa oferecer uma base para entender o contexto histórico e artístico dessas expressões, celebrando a diversidade e a ancestralidade que marcam a trajetória cultural de Minas Gerais.

UBUNTU

"Ubuntu pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, umuntu ngumuntu ngabantu (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos.

A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas.

A ideia de ubuntu atravessa, constitui e regula inúmeras comunidades africanas bantufonas. "

Nogueira, Renato. UBUNTU como modo de existir:
Elementos gerais para uma ética afroperspectivista
Revista da ABPN • v. 3, n. 6 • nov. 2011 –
fev. 2012 • p. 147-150

COSMOVISÃO

Segundo a pesquisadora, filósofa e dramaturga Leda Maria Martins, cosmovisão está relacionada a uma forma de perceber, viver e organizar o mundo a partir de referenciais culturais afro-diaspóricos, especialmente das tradições de matriz africana no Brasil, é o modo de existência simbólica do mundo ancorado nas ancestralidades africanas, que se manifesta no corpo, no rito, na palavra e na memória viva.

MARTINS, Leda. Afrografias da Memória. 1. ed
São Paulo: Perspectiva, 1997

ANCESTRALIDADE

Para Leda Maria Martins, filósofa, dramaturga e referência nos estudos de cultura afro-brasileira, ancestralidade está profundamente ligada à memória, à oralidade e à presença dos saberes que atravessam o tempo. Em suas obras, especialmente no conceito de "corpo-tempo", Leda compreende a ancestralidade como presença contínua dos que vieram antes, manifestada nos corpos, nas práticas culturais, nos rituais e na performance. Ela afirma que a ancestralidade não é apenas um elo com o passado, mas uma tecnologia de memória e resistência, que se atualiza nos gestos, nas palavras, nos cantos e na dança. Assim, ancestralidade é ação viva, que orienta e sustenta as práticas de comunidades negras, sendo um modo de existir, lembrar e criar futuro com base nas experiências que os ancestrais deixaram como legado.

MARTINS, Leda. Memória do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. . 1. ed São Paulo: Perspectiva, 2021

AFRORREFERENCIADO



AFROCENTRADO

Tem como referência elementos das culturas afrodescendentes. Pode se misturar com outras influências (não exclusividade africana). Valoriza, cita, se inspira ou dialoga com saberes e estéticas afro.

Vai além da referência: coloca a perspectiva africana no centro. É uma forma de pensamento, pedagogia ou arte que parte da cosmovisão africana como base. Propõe uma reorganização de valores e práticas a partir da ancestralidade africana.



ARTISTAS DE BELO HORIZONTE

SÉRGIO PERERÊ



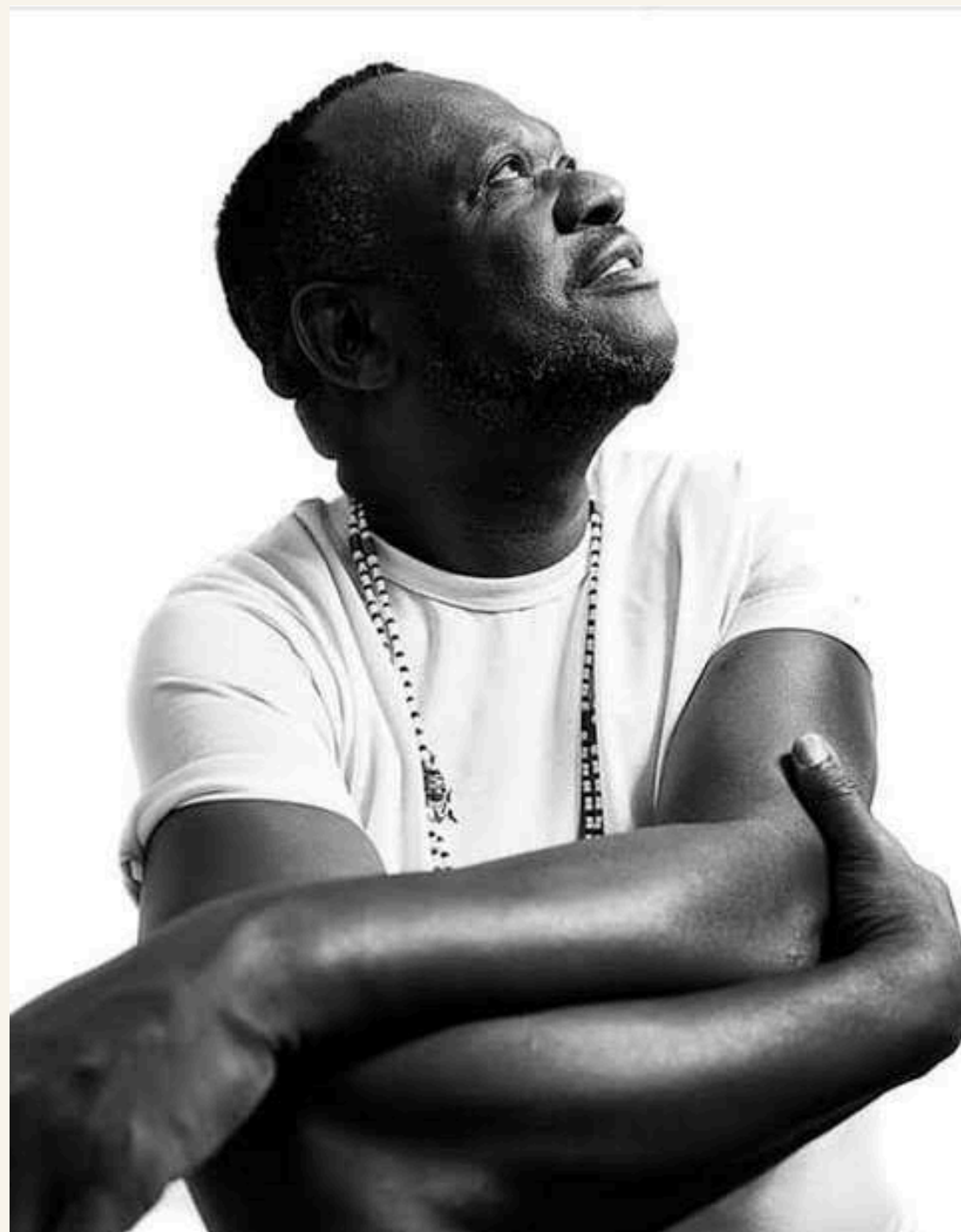
Sérgio Pererê é cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor e ator mineiro, com trajetória profundamente enraizada nas culturas afro-brasileiras. Nascido em Belo Horizonte, iniciou sua carreira no grupo Tambolelê, referência na valorização das tradições de matriz africana. Em carreira solo, construiu uma obra musical marcada por ritmos afro-mineiros, samba, ijexá, jongo, maracatu e influências do jazz e da música universal. É autor do livro *A Morte de Antônio Preto*, escrito em forma de cordel, que celebra a oralidade, a memória ancestral e o Reinado. Seu trabalho transita entre música, poesia, espiritualidade e performance, afirmando uma estética negra, contemporânea e ritualística. Atua também como educador e gestor cultural em projetos que promovem a arte e a ancestralidade nas periferias de Minas Gerais.

MAURÍCIO TIZUMBA



Maurício Tizumba é cantor, compositor, percussionista, ator e referência na difusão da cultura afro-brasileira em Minas Gerais e no Brasil. Com mais de 50 anos de carreira, sua trajetória é marcada pelo diálogo entre arte, ancestralidade e tradição. Nascido em Belo Horizonte, cresceu imerso nas manifestações populares do congado, elemento central de sua obra musical e cênica. Ao longo de sua carreira, lançou diversos álbuns autorais, participou de peças teatrais, filmes e novelas, e fundou projetos como o grupo Tambor Mineiro e a Companhia Burlantins, que unem música, teatro e educação. Sua criação transita entre o sagrado e o popular, celebrando os tambores, a fé, a oralidade e os saberes de matriz africana. Tizumba também atua como educador e gestor cultural, conduzindo oficinas, festivais e encontros que fortalecem as expressões tradicionais e contemporâneas da negritude mineira.

EVANDRO PASSOS



Evandro Passos Xavier é bailarino, coreógrafo, professor, escritor e referência na difusão da dança afro-brasileira em Minas Gerais e no Brasil. Natural de Diamantina. Discípulo da mestra Marlene Silva, foi um dos pioneiros no ensino e na criação artística com base nas matrizes africanas, levando os ritmos e gestos dos terreiros para os palcos mineiros. Fundador da Companhia Bataka, dedicada à pesquisa e ensino da dança afro, Evandro é mestre em Artes Cênicas, doutorando pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e desenvolve pesquisas sobre corpo, ancestralidade e performance negra. Também atua como escritor, trazendo para a palavra sua experiência estética e política com a arte afro-brasileira. Em 2024, foi selecionado para doutorado-sanduíche na Universidade Paris 8, aprofundando suas investigações sobre a presença da cultura afro-brasileira no cenário internacional.

CARLOS AFRO



Carlos Afro é um dos principais nomes da dança afro-brasileira em Belo Horizonte. Natural de Sete Lagoas, Minas Gerais, iniciou sua trajetória artística em 1978, quando se mudou para a capital mineira. Desde então, tem se dedicado à pesquisa, ensino e valorização da cultura afro-brasileira, atuando como coreógrafo, figurinista e aderecista. É fundador da Arte Ponto Com, escola de dança que, há mais de 35 anos, é referência no ensino de danças de matrizes africanas em Belo Horizonte. Além de sua atuação pedagógica, Carlos Afro é reconhecido por suas apresentações artísticas que destacam a riqueza e diversidade da cultura afro-brasileira. Sua contribuição para a cena cultural de BH é significativa, sendo frequentemente convidado para participar de eventos e seminários que discutem o presente e o futuro da dança africana na cidade.

JÚNIA BERTOLINO



Júnia Bertolino é jornalista, antropóloga, bailarina, coreógrafa, escritora e arte-educadora mineira dedicada à valorização das corporeidades afro-brasileiras. Fundadora e diretora da Cia Baobá Minas de Arte Africana e Afro-brasileira, coordena desde 1999 espetáculos e ações formativas que resgatam tradições como congado, samba de roda e dança guerreira. Mestre de Cultura Popular em Belo Horizonte, é capoeirista e pesquisadora que une ancestralidade, ritualidade e oralidade em suas criações artísticas e acadêmicas. Autora do livro *Performance, ancestralidade e ritualidade: corporeidades negras da Cia Baobá Minas*, Júnia tem levado seu trabalho para países como Senegal, Alemanha e Índia, fortalecendo o diálogo cultural e a afirmação da identidade negra por meio da dança, da poesia e da performance.



LINK CADERNO
DANÇA AFROFORMATIVA



AS DESCOBERTAS DE MALU

Jessica Knowles

ILUSTRAÇÕES
Gui Correia



Conte
sua história

AS DESCOBERTAS DE MALU

Jessica Knowles

ILUSTRAÇÕES
Gui Correia



Conte
sua história

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Knowles, Jessica

As descobertas de Malu / Jessica Knowles ;
ilustração Gui Correia. -- 1. ed. -- Contagem, MG :
Ed. da Autora, 2025.

ISBN 978-65-01-60406-0

1. Literatura infantojuvenil I. Correia, Gui.
II. Título.

25-288678

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Prefácio

Esta história nasce do desejo de compartilhar saberes ancestrais e afro referenciados, e demonstrar a importância da música e dança afro-brasileira na educação e no fortalecimento de identidade. “As Descobertas de Malu” integra a pesquisa Quebra Cabaças Espalha Sementes: Cultivando Saberes Afrocentrados e Práticas Educativas, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Dança (PRODAN) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob a orientação da Professora Doutora Clécia Maria Aquino de Queiroz.

A narrativa de Malu reflete como a arte, a música e o movimento podem promover pertencimento e ampliar horizontes no ambiente escolar. Inspirada na vivência de muitas crianças negras, essa história convida professores, estudantes e leitores a reconhecerem e valorizarem a cultura afro-brasileira, fortalecendo a aplicação da Lei 10.639/03.

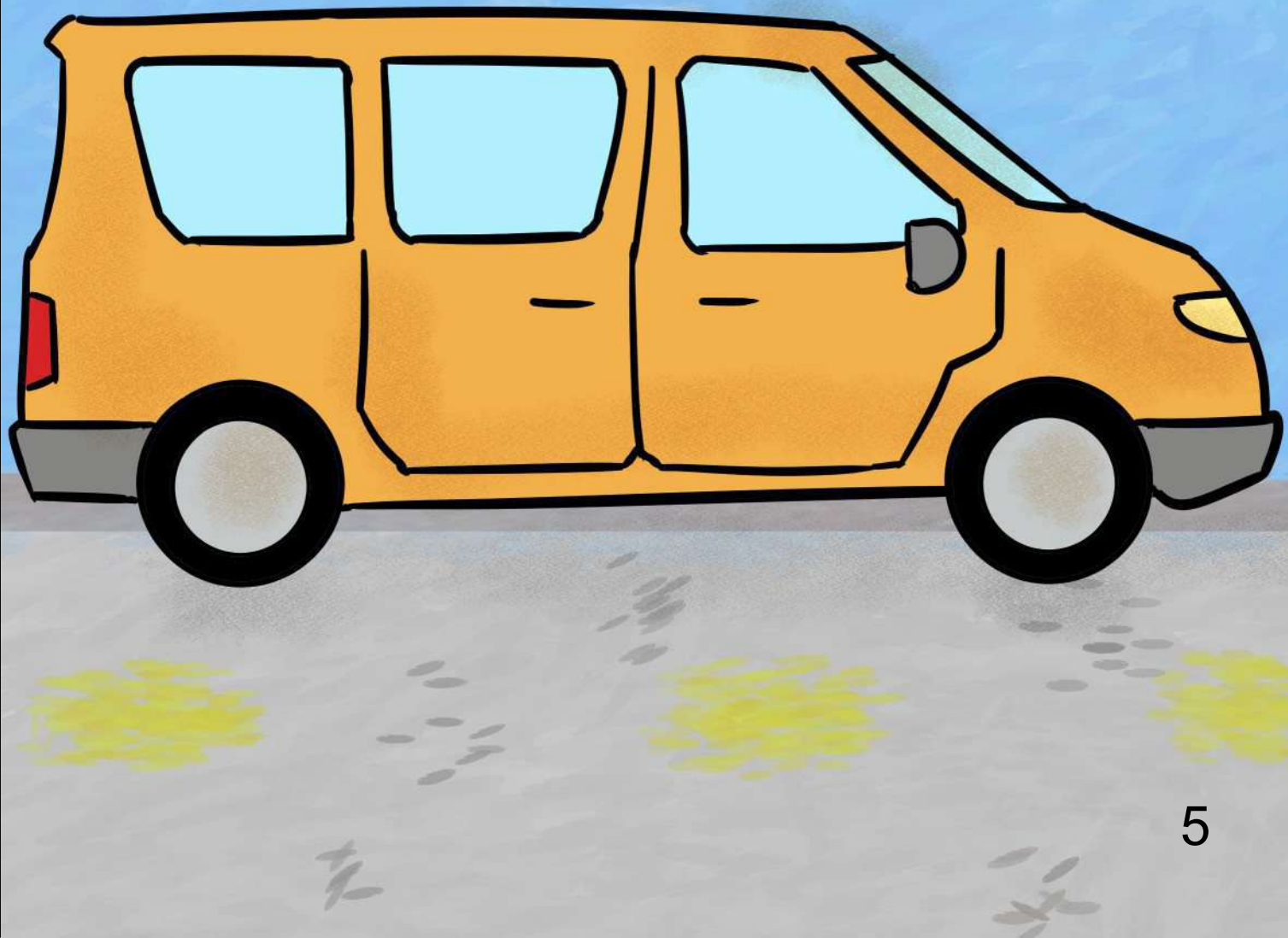
Que esta obra seja um convite para dançar, aprender e cultivar sementes de conhecimento.

Ubuntu!



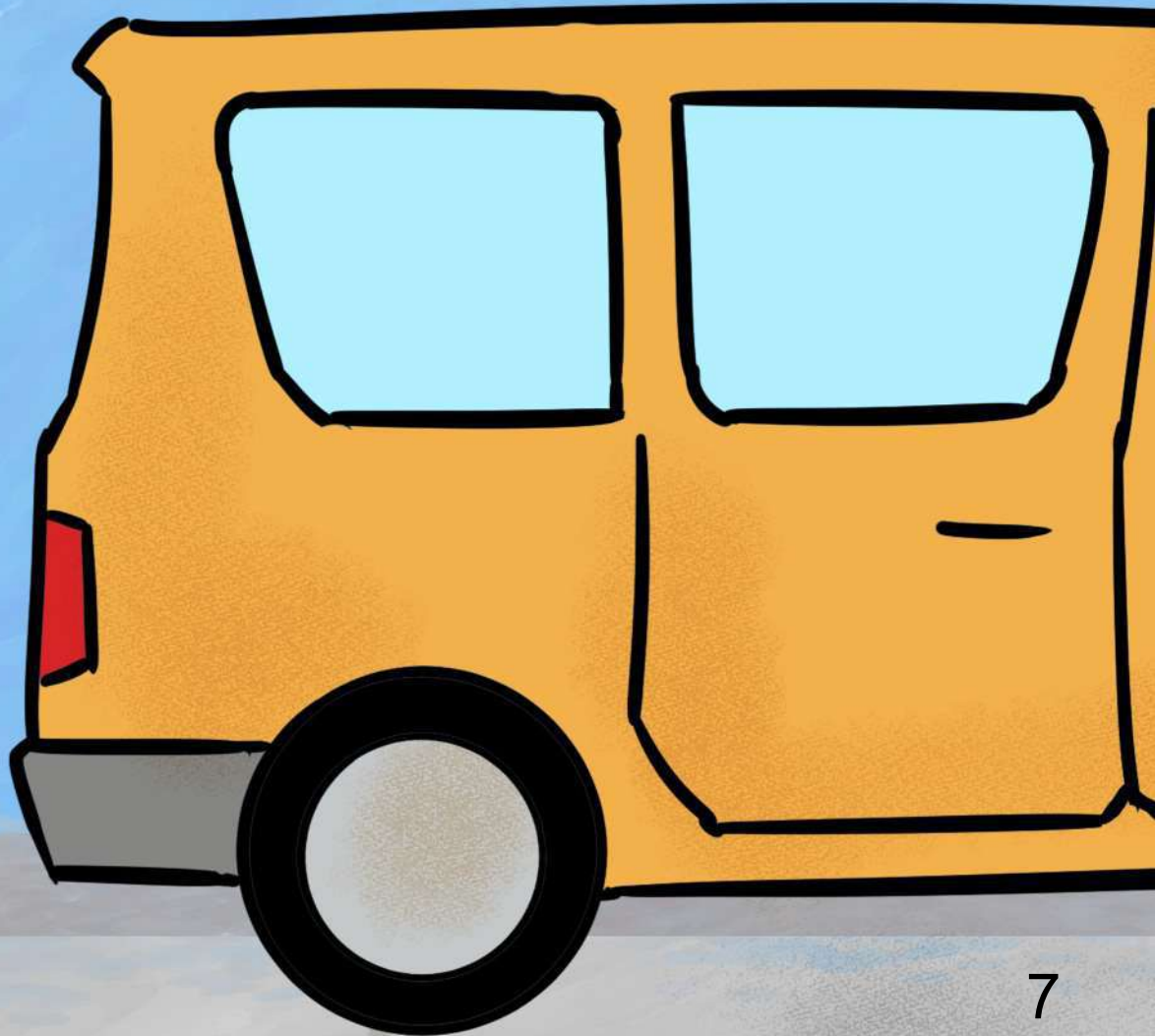


CHEIA DE ENERGIA E CURIOSIDADE. ASSIM É MALU, AQUELE PINGUINHO DE GENTE DE 5 ANINHOS, DA PELE BEM PRETINHA, COR DE CHOCOLATE, E CABELOS CRESPOS, BEM MACIOS E FOFINHOS, QUE PARECEM NUVENS.



MALU É UMA MENINA MUITO INTELIGENTE, ADORA BRINCAR E APRENDER. QUANDO CHEGA NA ESCOLA, SEMPRE CUMPRIMENTA UM POR UM DE SUA TURMA. ELA TEM MUITOS AMIGOS, MAS SUA MELHOR AMIGA É A VALENTINA, SUA VIZINHA, COM QUEM VAI PARA A ESCOLA NA MESMA VAN. AS DUAS SÃO INSEPARÁVEIS!





AS FAMÍLIAS DE MALU E VALENTINA SÃO MUITO AMIGAS E SEMPRE FAZEM FESTAS ANIMADAS, ONDE TODO MUNDO CANTA, DANÇA, BRINCA... NINGUÉM FICA PARADO.



A MÚSICA PREFERIDA DE MALU É "COSTURA DA VIDA", DO SÉRGIO PERERÊ. ELA ADORA PORQUE SUA MÃE DIZ QUE A LETRA LEMBRA A VOVÓ DE MALU, QUE JÁ É UMA ESTRELINHA NO CÉU. MAS A MELHOR PARTE É A DANÇA, QUANDO TODOS ENROLAM E DESENROLAM OS BRAÇOS E, DEPOIS, FAZEM UMA GRANDE COSTURA IMAGINÁRIA. MALU E VALENTINA ACHAM MÁGICO!



CERTO DIA, NA ESCOLA, NA RODA DO PÁTIO, MALU FICOU MUITO PENSATIVA. AS MÚSICAS QUE A PROFESSORA ESCOLHIA NÃO ERAM NADA PARECIDAS COM AS QUE ELA DANÇAVA EM CASA. COM SEU JEITINHO CORAJOSO, LEVANTOU A MÃO E PEDIU À PROFESSORA:



— PROFESSORA, HOJE VOCÊ PODE COLOCAR A MÚSICA "COSTURA DA VIDA"? EU POSSO ENSINAR A DANÇA.

A PROFESSORA SORRIU E PERGUNTOU:

— POR QUE VOCÊ QUER ESSA MÚSICA, MALU?

COM OS OLHINHOS BRILHANDO, MALU RESPONDEU:

— É MINHA MÚSICA PREFERIDA. NA MINHA CASA, A GENTE SEMPRE DANÇA ELA QUANDO ESTAMOS TODOS JUNTOS. NA CASA DA VALENTINA, TODO MUNDO GOSTA TAMBÉM.





A PROFESSORA GOSTOU DA IDEIA E COLOCOU A MÚSICA PARA TOCAR. MALU CORREU PARA O CENTRO DO PÁTIO E COMEÇOU A ENSINAR OS MOVIMENTOS:

— VAMOS ENROLAR E DESENROLAR, ENROLAR E DESENROLAR!

AS CRIANÇAS COMEÇARAM A DANÇAR, IMITANDO OS PASSOS DE MALU, RINDO E SE DIVERTINDO. TODOS ENROLAVAM OS BRACINHOS E DANÇAVAM PRA LÁ E PRA CÁ. PARECIA MESMO UMA COSTURA MÁGICA!



NA SALA DE AULA, A PROFESSORA
APRONTOU A EMPOLGAÇÃO DA TURMA:

— VOCÊS SABIAM QUE O RITMO DESSA
MÚSICA DO SÉRGIO PERERÊ E A DANÇA
QUE MALU NOS ENSINOU FALAM SOBRE
A CULTURA NEGRA? AHH... E VOCÊS
SABEM O QUE É "UBUNTU"?

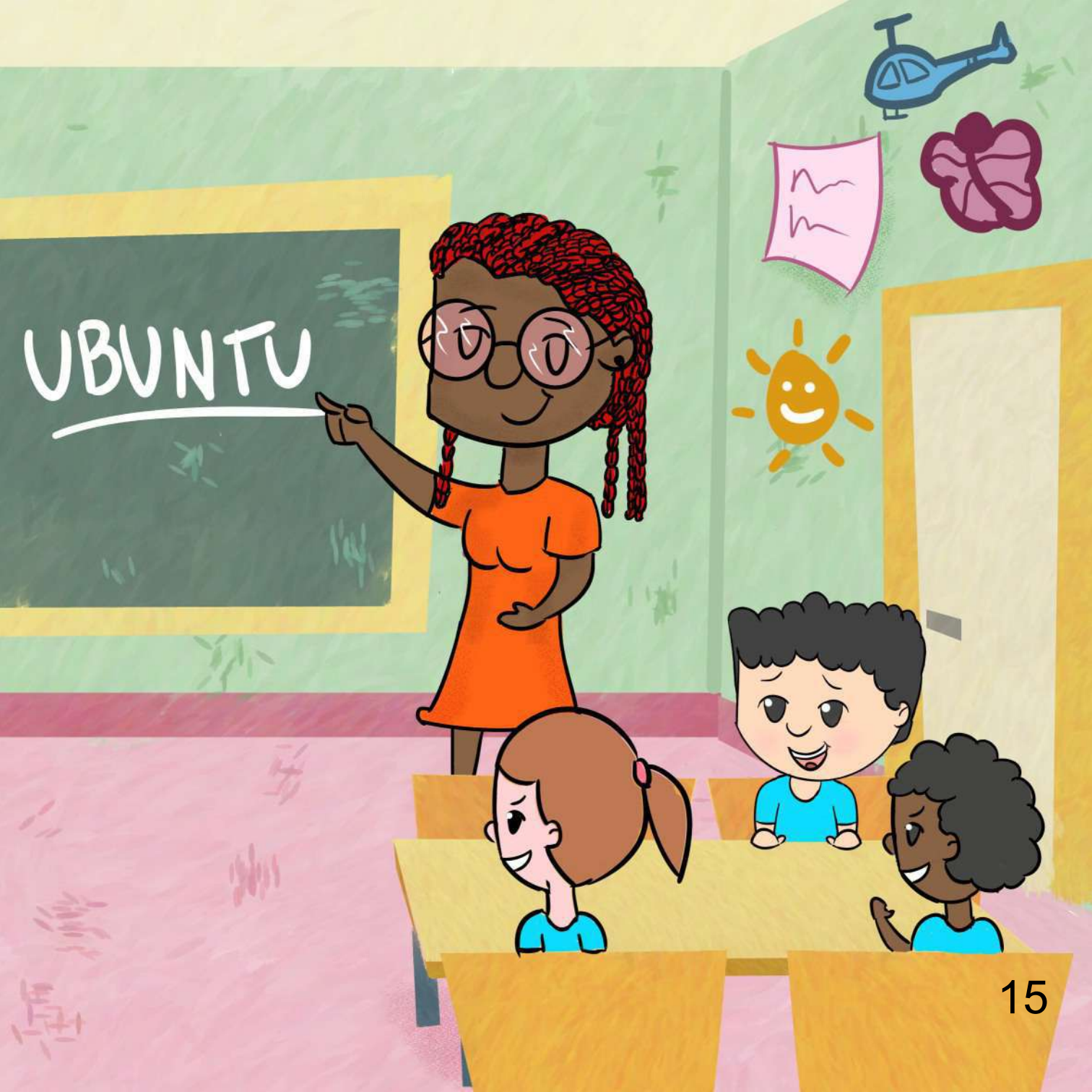
MALU LEVANTOU A MÃO, ANIMADA:

— EU SEI, EU SEI! MINHA MÃE SEMPRE
FALA ESSA PALAVRA LÁ EM CASA.

A PROFESSORA SORRIU E EXPLICOU:

— UBUNTU É UMA PALAVRA AFRICANA,
DA LÍNGUA ZULU, LÁ DA ÁFRICA DO
SUL. SIGNIFICA "EU SOU PORQUE NÓS
SOMOS", OU SEJA, QUE PRECISAMOS
UNS DOS OUTROS. POR EXEMPLO, SE
VOCÊS NÃO VIESSEM PARA A
ESCOLA, EU PODERIA DAR AULA?





VALENTINA, QUE TAMBÉM É MUITO SABIDA, LOGO LEVANTOU O DEDO E DISSE:

— NÃO, PROFESSORA. SEM AS CRIANÇAS A SENHORA NÃO PODE TRABALHAR, MAS TAMBÉM, SEM A SENHORA, A GENTE NÃO PODE ESTUDAR E APRENDER, E NEM BRINCAR. NÃO É, PROFESSORA?

— MUITO BEM, VALENTINA! CADA PESSOA CONTRIBUI DE FORMA ÚNICA PARA O MUNDO.



UBUNTU



VALENTINA COMPLETOU:

— ENTÃO SOMOS COMO UMA GRANDE EQUIPE, OU UM TIME, IGUAL O FUTEBOL DO MEU PAI.

— ISSO MESMO! UBUNTU É O QUE FAZ TUDO FICAR LINDO, ALEGRE E COLORIDO, COMO UM ARCO-ÍRIS! — DISSE A PROFESSORA.

MALUTINHA ALGO A ACRESCENTAR:

— PROFESSORA, MINHA MÃE DISSE QUE, QUANDO DANÇAMOS E CANTAMOS JUNTOS, É COMO SE A GENTE DESSE UM ABRAÇO BEM FORTE NO CORAÇÃO UM DO OUTRO E NO NOSSO TAMBÉM. ISSO TAMBÉM É UBUNTU, NÃO É?



E ENTÃO AS CRIANÇAS COMEÇARAM A CONTAR SOBRE COISAS DIVERTIDAS QUE FAZIAM EM FAMÍLIA.

ELAS PERCEBERAM QUE ESTAVAM SEMPRE PRATICANDO UBUNTU, MESMO SEM SABER. A AULA FOI UMA DIVERSÃO QUE SÓ!



CHEGANDO EM CASA, MALU DESCEU DA VAN, SE DESPEDIU DE VALENTINA E FOI CORRENDO ABRAÇAR SUA MÃE:



— MAMÃE, HOJE EU ENSINEI A DANÇA DA NOSSA MÚSICA NA MINHA ESCOLA! AHH... E A PROFESSORA ENSINOU QUE UBUNTU É O QUE FAZ O MUNDO MAIS BONITO.



SUA MÃE A ABRAÇOU COM CARINHO:

— VOCÊ É UMA MENINA MUITO ESPECIAL, MALU! CONTINUE
COMPARTILHANDO NOSSA CULTURA, QUE É MUITO VALIOSA E
QUE ENSINA ÀS PESSOAS O VALOR DA UNIÃO. ISSO É UBUNTU





Jéssica Knowles é educadora, pesquisadora e artista comprometida com a valorização da cultura afro-brasileira. Natural de Contagem, Minas Gerais, é graduada em Pedagogia, especialista em Dança e Consciência Corporal, e História e Cultura Afro-Brasileira, é mestranda em Dança pelo Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia (PRODAN/UFBA).

Sua trajetória acadêmica e artística é pautada na investigação das danças negras e na aplicação da educação antirracista por meio da arte. Jéssica acredita na dança como linguagem de transformação social e afirmação de identidade e resistência, e contribui no reconhecimento e valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Com esta obra, reafirma seu compromisso com a difusão dos saberes afro referenciados e a importância da representatividade negra na literatura infantil.



Olá, sou Gui Correia, sou designer e ilustrador há mais de 20 anos. Desde meus 9 anos, quando me apaixonei por esta arte, venho trazendo na minha vida o desenho.

Ilustrar livros infantis foi uma forma de trazer o desenho como ferramenta para ajudar crianças a soltarem sua imaginação e aprender coisas novas.

Participar deste projeto foi um prazer e espero que muitas crianças possam se divertir com essa história e com meus desenhos.

*Gui
Correia*



AS DESCOBERTAS DE MALU

Malu com apenas cinco anos, é uma menina alegre e cheia de energia! Com sua curiosidade e seu jeitinho afetuoso de se conectar com o mundo, ao perceber que as músicas que fazem parte de seu cotidiano não estão presentes em sua escola, Malu toma coragem para compartilhar com a turma uma dança muito especial: a "Costura da Vida". Essa história convida crianças, educadores e famílias a se conectarem com a cultura afro-brasileira por meio da música, da dança e da coletividade. Uma narrativa que costura afetos e pertencimento em cada página.

APÊNDICA D - PRODUÇÕES NA DISCIPLINA: PERFORMANCE NEGRA NA CONTEMPORANEIDADE SUAS POÉTICAS E TENSIONAMENTOS TEÓRICOS

SEMESTRE: 2023.2

DOCENTE: Fernando M. C Ferraz

No contexto deste componente do PRODAN, destaco a atividade escrita que desenvolvi sobre minha compreensão de *performance negra*, fundamentada no livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, de Stuart Hall (2009), especificamente no capítulo “*Que negro é esse da cultura negra?*”. A seguir, apresento o texto produzido:

“Inicialmente, eu concebia a palavra performance como um sinônimo de atuação artística, limitada à dança, à música ou ao teatro. Dessa forma, entendia a performance negra apenas como manifestações artísticas protagonizadas por pessoas negras. Com o tempo, venho ressignificando minhas concepções sobre o que é performance e o que significa performar, compreendendo que essa ideia transcende o ato de dançar, atuar, cantar ou tocar um instrumento.

Concordo com o antropólogo José Jorge Carvalho (2023), que afirma que as performances e danças negras não se restringem ao palco. As danças periféricas, os blocos carnavalescos e diversas outras manifestações culturais também se inserem nesse conceito. A performance negra vai muito além: ela se expressa na corporeidade negra em cena, na ancestralidade, na oralidade e na vivência em comunidades e territórios em contato com a cultura do povo negro.

Em minha trajetória como educadora, artista e profissional da dança, incorporo minha vivência e linguagem tanto nos ambientes formais quanto nos não formais da arte e da educação. Meu trabalho está intrinsecamente ligado à cultura negra, seja nas salas de aula, como educadora, ou nos palcos, como artista da dança. O conceito de Performance Negra me representa e nele me reconheço. No entanto, percebo que ele não é suficiente para abarcar plenamente minha prática, pois esta atravessa múltiplas esferas — arte, educação, política e sociedade.

Acredito que há algo maior que engloba todas essas dimensões, ainda que, no momento, eu não encontre um conceito que as sintetize. Ao mesmo tempo, entendo que a cultura negra e as relações dos povos negros evoluem continuamente, o que me leva a pensar que

talvez nenhum conceito seja, de fato, capaz de abarcar completamente nossas práticas e vivências.”

Ainda deste componente curricular “Performance Negra na Contemporaneidade Suas Poéticas e Tensionamentos Teóricos.”, destaco a atividade de “Carta aos Cruzos”. A proposta consistia na redação de uma carta para um amigo significativo. Na escrita resultante dessa atividade, a qual direcionei à Ernane Ferreira, pessoa que considero de extrema importância nesse trajeto, relato como a arte se fez em minha trajetória até os dias de hoje. Essa carta, que coloco a seguir, se relaciona com minha pesquisa no sentido de como cheguei até aqui e o como os meus caminhos artísticos me direcionaram a dois pontos que conduzem minha pesquisa: Dança e Educação.

Salvador, Bahia, 16 de dezembro de 2023

Querido Ernane,

Eu não poderia escolher outro destinatário ao não ser você, que me abriu os caminhos para a dança já em minha infância, quando reunia suas sobrinhas e eu para nos ensinar as coreografias de axé que estavam em alta na época, de cantoras como Daniela Mercury, Ivete Sangalo e bandas como É o Tchan, As meninas, Patrulha do Samba dentre outras tantas. O meu cruzo se inicia aqui dançando com minhas amigas de infância, nos quintais, nas lajes e em festas de famílias.

Em minha adolescência, participei de aulas de funk, hip-hop, axé e dança do ventre em projetos sociais do meu bairro. Nesses espaços, conheci pessoas que se conectavam com o mundo da dança, assim como eu. Nos unimos e criamos um grupo de dança para se apresentar nos eventos do nosso bairro e bairros próximos. Nas apresentações, usávamos todos os estilos de dança ~~em~~ que cada um trazia e em todas elas não podia faltar alguma música de Beyoncé, multiartista que sou fã desde a adolescência, que inclusive utilizo o sobrenome da mesma em meu nome artístico: Knowles.

Nessa caminhada de dança e em conexão com outras pessoas dançantes, fui convidada a ser multiplicadora da oficina de dança do ventre e logo que fiz 18 anos, me tornei a professora oficial da oficina. Nessa experiência percebo a minha admiração pelo educar juntamente com a paixão que eu já tinha pela dança. Esse primeiro projeto que participei fazia parte de um programa de prevenção e redução à criminalidade em áreas que registram maior índice de homicídios em algumas cidades de Minas Gerais, chamado Fica Vivo, e que ainda atua em meu bairro. Através do contato com os jovens participantes da oficina e a dinâmica

do programa, pude compreender o quanto a arte é importante no desenvolvimento social, na aproximação da comunidade e na educação.

Em 2010 fui apresentada à Dança Afro-brasileira e adivinhe quem me proporcionou esse meu encontro, Ernane? Isso mesmo, você! A primeira vez em que vi uma performance de Dança Afro-Brasileira, foi no Parque Municipal de Belo Horizonte, com Carlos Afro e sua Cia de Dança, aquele momento foi amor à primeira vista, me conectei de imediato com a musicalidade e os movimentos. Logo em seguida, através de sua condução, comecei a fazer aulas enquanto bolsista na escola de dança Arte Ponto Com, com o Mestre Carlos Afro e mais a frente fiz parte da Cia de Dança do Mestre.

No período em que estive com Carlos Afro, eu ainda ministrava a oficina de Dança do Ventre e trabalhava nos projetos Mais Educação e Escola Aberta, com danças populares. Em 2012, me ingressei no Curso de Graduação em Pedagogia, me formando no fim de 2015. Nesse percurso universitário com as trocas de horário e rotinas, precisei me desligar das aulas de Carlos Afro, porém Ernane, você me apresentou um outro Mestre das Danças Afro-Brasileiras, que atuava próximo a minha faculdade, cujo horário de encontro se conciliava com meus. O mestre era Evandro Passos, e mais uma vez participei enquanto bolsista das aulas e, no mesmo ano em que entrei, já fiz parte da Cia de Dança Bataka, realizando apresentações, espetáculos, participações em cortejos de cidades históricas.

A partir das aulas de danças que participei, comecei a também a ministrar aulas de dança afro-brasileira, primeiramente no projeto Educação Pelo Tambor na cidade de Contagem e, mais a frente, recebi convites para participar de outros projetos na cidade de Belo Horizonte.

Nesses caminhos entre aulas, grupos de dança, Mestres e vários colegas e amigos da dança, o samba entrou em minha vida dançante, no estilo mais conhecido como samba carioca, de passistas. Fui passista da Escola de Samba Acadêmicos de Venda Nova em Belo Horizonte e Unidos de Vila Maria em São Paulo. Essas experiências me possibilitaram conhecer outras nuances das manifestações afro-brasileiras que acrescentaram conhecimentos aos meus fazeres como artista e arte-educadora.

Ainda falando sobre os meus caminhos com a dança, segui fazendo parte da Cia de Dança Bataka que atualmente se tornou uma associação cultural e também me tornei membro do Bloco Batucarte do meu bairro, atuando como vocalista e coreógrafa.

Escrevendo aqui e ao mesmo tempo rememorando meus contextos, meus cruzos dançantes, percebo que não falei o nome de meu bairro. Sou nascida e criada em Nova Contagem, bairro periférico que contém o maior número em população da cidade de

Contagem/MG. Nesse mesmo bairro que durante todos esses anos de conhecimentos e várias experiências, multiplico os saberes que venho adquirindo, o Bloco Batucarte, no qual faço parte, é pra mim patrimônio do bairro, nele vários jovens experienciam múltiplas experiências, através da musicalidade e dança.

Encerro aqui dizendo que este ano de 2023 foi algo que eu não mensurava, o tamanho das possibilidades, das vivências, dos encontros que tive. Conheci Salvador, que eu já sentia uma vontade de conhecer, pois pessoas próximas sempre me falaram sobre a dança e a cultura da cidade. Então, vim estudar nela e consegui participar de muitas aulas de danças. Compreendi que a dança afro tem suas individualidades e seus sotaques corporais de acordo com cada região e retorno pra minha cidade com uma bagagem cheia e com muitas coisas que ainda irei reverberar!

ANEXO I - CERTIFICADOS DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS E PARTICIPAÇÕES EM AULAS E EVENTOS











DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que, **Jéssica Márcia Rodrigues Generoso**, brasileira, CPF número 095.688.896-80, exerceu a docência no dia 15 de abril de 2025, das 19h as 22h, na disciplina Arte na Educação Infantil, computando uma carga horária de 3 horas de ensino.

Belo Horizonte, 19 de abril de 2025.

Jaqueline Cardoso Zeferino
Professora Adjunta DMTE/FaE





Declaração

Declaramos para os devidos fins que, **Jéssica Márcia Rodrigues Generoso**, brasileira, CPF número 095.688.896-80, exerceu a **docência** no dia 07 de abril de 2025, das 19h as 22h, na disciplina ofertada no âmbito da Formação Transversal em Relações Étnico-Raciais, História da África e Cultura Afro-brasileira, relacionada abaixo, computando uma carga horária de **3 horas** de ensino. A professora doutora Jaqueline Cardoso Zeferino (FaE/DMTE) é a docente responsável por sua oferta.

Oferta	Código	Disciplina	Carga horária
2025 I	UNI226	Tópicos sobre aspectos da cultura africana e afro-brasileira: Dança Afro e Educação: memórias, corporalidades e contracolonialidade	30 h

Belo Horizonte, 05 de junho de 2025.



Prof. Dr. Natalino Neves da Silva
Coordenador do Programa Ações Afirmativas na UFMG
Presidente da Formação Transversal em Relações Étnico-Raciais



Universidade Federal de Minas Gerais
Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 - Pampulha, Belo Horizonte, MinasGerais. CEP:31.270-901